

Vidas no Papel



Universidade da Terceira Idade de Santarém

Universidade da Terceira Idade
de Santarém

Vidas no Papel

Título: Vidas no Papel

Autor: Vários

Capa: Mariana Pires

Organização: UTIS

Composição: UTIS

Revisão: Rejane Wilke

Dezembro 2020

Edição:



Parceiros:

Câmara Municipal
de Santarém



União de Freguesias
da Cidade de Santarém



Santa Casa da Misericórdia
de Santarém



AUTORES

Ana Paula Miranda
Ana Simão
Ana Vieira
António Gomes
Cremilda Salvador
Emília Daniel Leitão
Isabel David
Joaquim Vale Cruz
José-Augusto Rodrigues
José Manuel Bento Sampaio
Judite Leitão
Madalena Sequeira
Margarida Miranda
Margarida Zagalo
Maria da Conceição Matos
Maria da Cunha
Maria Helena de Abreu
Maria Helena Lopes
Rejane Wilke
Teresa Lopes Moreira
Vítor Barreto

*Dedicamos esta colectânea a todos os que
contribuíram para a construção da UTIS.*

ÍNDICE

<i>ALGUMAS PALAVRAS</i>	11
<i>Ana Simão</i>	13
ABRIL PINTADO DE CRAVOS MIL	15
À NOITE NA RUA	16
CINCO SENTIDOS DE MAR	17
MAR SALGADO.....	18
VOZES DA LUA E DO MAR.....	19
<i>Ana Vieira</i>	21
VIDAS DE PAPEL.....	23
O LIVRO.....	24
<i>António Gomes</i>	25
“ESTE PAÍS É UM BARCO PRESO À TERRA”	27
TEMPO AFOGADO	28
<i>Emília Daniel Leitão</i>	29
UM FIO DE ALEGRIA.....	31
PARTIDA.....	32
<i>Isabel David</i>	33
SAUDADES DE LÁ	35
<i>Joaquim Vale Cruz</i>	37
CAMINHO E SENTIMENTO	38
VIVER	39
FASES DO AMOR.....	40
<i>Judite Leitão</i>	41
SANTARÉM, CIDADE DE ABRIL.....	43
TODOS OS DIAS.....	44
SABER OUVIR.....	45
<i>Madalena Sequeira</i>	47
SER AVÓ	49
OS TRILHOS DA VIDA	50
<i>Maria da Conceição Matos</i>	51
A MORTE SAI À RUA.....	53
AMAR.....	55
MARGINAL DOS NOVOS TEMPOS.....	56
TENHO SAUDADES TUAS	57

PRÍNCIPES DO NADA.....	60
SEARA DE TRIGO MADURO.....	61
TENHO FOME DO MEU PAÍS.....	63
<i>Maria da Cunha</i>	65
POEMA À VIDA.....	67
NÃO SEI QUEM SOU.....	68
<i>Maria Helena Justino de Abreu</i>	69
MÃE.....	71
<i>Maria Helena Lopes</i>	73
HISTÓRIA DE PORTUGAL.....	75
A CRIANÇA QUE HÁ EM MIM.....	78
<i>Vítor Barreto</i>	79
NO DIA SEGUINTE.....	81
GOSTO.....	82
<i>Ana Paula Miranda</i>	83
MADREPÉROLA E FILIGRANA.....	85
<i>Cremilda Salvador</i>	87
MINHA IRMÃ “ZUCA-ZUCA”.....	89
<i>Emília Daniel Leitão</i>	91
A PASTA AZUL.....	93
TRIBUNAL DA NATUREZA.....	99
<i>José-Augusto Rodrigues</i>	113
RECORDAÇÃO DE ABU ZACARIA.....	115
<i>José Manuel Bento Sampaio</i>	121
O MEU FILHO AFRICANO.....	123
<i>Margarida Miranda</i>	127
UMA AVENTURA.....	129
<i>Margarida Zagalo</i>	137
MULHERES.....	139
A MENINA QUE VIU NASCER A REVOLUÇÃO.....	143
<i>Rejane Wilke</i>	147
AULA DE ANATOMIA.....	149
POUR ELISE.....	151
<i>Teresa Lopes Moreira</i>	153
VITÓRIA.....	155
<i>Vítor Barreto</i>	159
O MOÇO.....	161
UMA MANHÃ DE NEVOEIRO.....	164

ALGUMAS PALAVRAS

Foi lançado um desafio a toda a comunidade da UTIS:

“Gosta de escrever poemas e contos?”

Vamos descobrir o escritor em cada um de nós.

Temos um projecto... editar um livro com as criações dos “escritores” escondidos da UTIS”. A escrita é sempre (ou quase sempre) uma atividade individual. Uma forma “egoísta” de cada um se expressar.

Assim, o prazer da escrita torna-se pleno quando é partilhado. Escrever e ler fazem parte do mesmo corpo. Ler e escrever são os dois lados da mesma obra. O prazer da leitura associa-se ao prazer da escrita.

Este “Vidas no Papel” é um primeiro passo na aventura da escrita e leitura em conjunto. Não deixa de ser um acto individual mas também um acto colectivo.

Por isso mesmo, leiam o texto que se segue e vejam se não pode ser um momento colectivo. Obrigado a todos:

Era uma vez...

“Em Santarém, cidade de abril pintada de cravos mil, uma menina que viu nascer a revolução, à noite na rua, ouviu vozes da lua e do mar”:

- *“Tenho saudades tuas, saudades de lá. Tenho saudades do meu país”.*

- *“Na verdade, este país é um barco preso à terra. Todos os dias é preciso saber ouvir – pensou”.*

“No dia seguinte, numa manhã de nevoeiro, avistou-se a ponta azul no céu longínquo na

seara de trigo maduro, de madrepérola e filigrana, como um poema à vida. A criança que há em mim, num momento de desespero, pensou.”

- “Já não sei quem sou. Mãe, sei que gosto de viver. Gosto de percorrer o caminho e o sentimento de amar. Gostarias de mim assim!?”

Ninguém respondeu!

“Depois de ler o livro “Recordação de Abu-Zacarias”, uma História de Portugal marginal dos novos tempos, uma aventura dos príncipes do nada, a minha irmã Zuca-Zuca gritou:

- “Pour Elise”! - Um fio de alegria rasgou-lhe o olhar por ser avó. Por ser mulher como as outras mulheres. “São fases do amor!” – afirmou.

Entretanto, o meu filho africano, ainda moço, com os seus cinco sentidos de mar, do mar salgado, reagiu e seguiu os trilhos da vida para amar, lembrou:

– “São vidas de papel. São como uma aula de anatomia. Procuramos sempre encontrar a razão de viver.”

“Esperemos que não seja um tempo afogado no Tribunal da Natureza.”

“Vitória, vitória acabou-se a história.”

Vítor Barreto

Coordenador Científico Pedagógico da UTIS

Ana Simão

Trabalhou na Câmara Municipal de Santarém na área da cultura,
turismo e ação social até 2012.

Em 2014 publica, em parceria com o Clube do Livro SIC, o livro "A
Menina dos Ossos de Cristal", o qual viria a ser incluído no PLANO
NACIONAL DE LEITURA (2019 - 2027).

Faz apresentações nas escolas de todo o país, Bibliotecas, Feiras
do Livro e outros.

Em 2016 publica "Naquela Ilha", reeditado em 2017 com o título "A
Ilha".

Pelo meio fez vários cursos de Escrita Criativa e de Storytelling.

Em setembro de 2020, alcançou o 2º lugar no Concurso Literário
Poeta António Aleixo, promovido pela Fundação António Aleixo.

Em outubro de 2020 publica o seu primeiro e-book "*Foste a Menina
Perfeita - a pandemia de COVID-19 revelou a mentira de uma vida*"
Leciona a disciplina de Escrita Criativa na UTIS (Universidade da
Terceira Idade de Santarém).

ABRIL PINTADO DE CRAVOS MIL

Eram rostos fechados
Num país feito refém de uma revolução
A desenhar a liberdade
Num dia oprimido de Abril

Eram rostos fechados
Onde as vozes da liberdade eram caladas
E eu continuava refém
Do meu país algemado

Eram rostos fechados
De uma revolução falada em surdina
Que não se fizera anunciar
Que poderia não mais acabar

Éramos rostos felizes
Quando a notícia mais desejada fez Abril
Num país que festejava a liberdade
Que cantava gaivotas que voavam
Um País sem medo do medo

Éramos rostos felizes
Num País a reerguer-se das cinzas da opressão
Em que a canção “somos livres” era cantada
A gaivota voava, voava
E a palavra Liberdade
Por todo o lado ecoava

Éramos rostos felizes
No meu país de Abril
Pintado de cravos mil!

À NOITE NA RUA

Noite

A cidade dorme

Os cães uivam

Os gatos gritam com o cio

Numa lua que se faz luar na escuridão

Hora em que as sombras descem à terra

Envoltas no manto da negridão

E o meu corpo nesta rua deitado

A solidão grita por todo o lado

O negrume ocupa todo o espaço da noite

As sombras habitam as ruas

Fecho os olhos no repouso de mim

O mundo adormece em falsos silêncios

E há um sono que não chega

Um abraço que não existe

Um aconchego por abrigar

E o meu corpo nesta rua deitado

Sombras sonâmbulas

Cambaleantes

Vagueiam mirabolantes

Em danças tropeçam

Embriagadas na noite sem fim

Por ruas, ruelas e becos de sapateiros

E o meu corpo nesta rua deitado

Vazio de quase nada

Vazio de quase tudo.

CINCO SENTIDOS DE MAR

Dos meus olhos vê-se o mar
Todo ele a marulhar
Anda na areia a bailar
Os pés leves a dançar

Na minha pele, o mar
Contra a corrente a nadar
Não sei onde me vai levar
Só sei que não quero ficar

Das manhãs a madrugar
Desperta o aroma fresco
O odor da maresia
Que me faz acordar

Nos meus ouvidos, o mar
Furioso sempre a marrar
Murmúrios a sussurrar
Diz-me para ficar

Na tua boca o mar
Em palavras de embalar
Beijo salgado a provar
O teu sabor
A(mar).

MAR SALGADO

Mar salgado

Mar imenso e desejado

Onde deixo o meu olhar

Repousado

Na saudade que tenho de ti

Mar salgado

Deixa-me ir no teu embalo

Baloço de ondas

À tona

Onde me levas

À deriva nesta vida

Ao encontro do teu abraço

Porto seguro de mim

Mar salgado

De correntes e marés

Desassossegadas desta vida

Deixai-me repousar o olhar

Mar salgado

No teu pôr-do-sol me deito

No teu luar faço a noite

No teu amanhecer dou-te a mão

Beijo-te com sabor a maresia

Estrela-do-mar a cintilar.

VOZES DA LUA E DO MAR

Peço à Lua

Que não deixe de ser redonda

Para,

Por linhas tortas,

Escrever direito o nosso destino

Peço às estrelas

Encarregadas no firmamento

A cintilar em tela brilhante

Nos mostrem a Paz e o Amor

Perdidos por trevas sem noite

Peço ao sol

Que desenhe a tua figura esbelta

Na penumbra do firmamento

Dos últimos raios cintilantes

A posarem neste mar sem fim

Peço à Terra

Verdejante na frescura das manhãs

Odor inebriante a terra molhada

Se mostre em paraísos sem fim

Na gaivota a soltar a liberdade

Peço ao mar

Que me deixe olhá-lo de frente

Na imensidão das suas águas imensas

E na fúria constante das marés

Me embale na solidão de ti.

Ana Vieira

Nascida em 1952 na freguesia de S. João Baptista - Tomar
Educadora de Infância de profissão; 42 anos de exercício de um
gosto imenso por ver e sentir crescer novas gerações, sonhos,
caminhadas...

VIDAS DE PAPEL

Em dor de fim este livro foi aberto...

em ternura de tristeza, de espera,
de partilha desejada!

Foi iniciado em ti,

atravessando a tarde cinzenta de domingo.

aqui são palavras,

letras, tinta,
vida em papel,
vida que é só recordação.

Sem ambição,

em jeito de um querer recordar

sempre,

o que não se quer perder,

porque é história

e com história,

fazem-se,

de palavras escritas,

vidas de papel.

O LIVRO

Na lembrança de ti
desenham-se
sorrisos de ternura,
afagos disfarçados de emoções.

Na lembrança de ti
Voam
certezas de verdades consentidas.

Na lembrança de ti
adivinham-se
abraços de outros.

Na lembrança de ti
pintam
palavras soltas de poemas sentidos.

Na lembrança de ti
aceitam-se
desafios de rimas.

Na lembrança de ti
sonham
folhas de escrita no livro acabado.

António Gomes

Nasceu em Santarém no ano de 1948.

Trabalhou no Banco Fonecas & Burnay 22 anos. Licenciou-se em teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa. Foi um dos fundadores do "Veto Teatro Oficina", da Companhia de Teatro de Santarém e do Centro Dramático Bernardo Santareno. Fez parte de duas edições coletivas de poesia, "Viola Delta 9", Edições Mic e de "Antologia dos Poetas Alentejanos", Edição Francisco Dias da Costa.

“ESTE PAÍS É UM BARCO PRESO À TERRA” (José Saramago)

Este país

É um barco que ficou preso à terra

Com vontade de partir

Corre nos homens o sangue e a saudade

Na voz a tempestade e o vento

Ficaram por aqui

Marinheiros agarrados aos mastros

Piratas assaltados por mulheres de pele morena

Pescadores enredados em redes tecidas por cabelos

Raparigas de pele ainda mais morena

E lábios vermelhos

Corre nos homens

O oceano das descobertas

A maré de navegar

Este país

É uma ilha que ficou presa ao mar

Com vontade de partir.

TEMPO AFOGADO

A velha aldeia

Está toda rasa de água

(menos as sombras)

A pairar no mar quieto

Foi a procissão do adeus

A festa do toiro

Entre foguetes a estrelejar

Correria das crianças

... bandas a tocar

A água engoliu

As soleiras das portas

Alagou a fonte

... e das casas compridas de xisto

Sobram ainda os telhados

... a torre da igreja

Fica a memória do tempo parado

Pelo tanger dolente dos sinos

A velha “luz”

está agora desmontada

submersa no futuro

fúnebre das imagens

de um lugar ausente

afogado!

Emília Daniel Leitão

Nasceu em Arcozelo da Serra - Gouveia, em Julho de 1946. É licenciada em Silvicultura pela Universidade de Lourenço Marques - Moçambique. Publicou, em 2006, um livro de poemas - "Mais Além" e, em 2013, um livro de contos - "Como Folhas ao Vento", entre outros, em Colectâneas.

As viagens deram-lhe o amor pelos grandes horizontes e a liberdade de se sentir cidadã do mundo.

UM FIO DE ALEGRIA

O meu sonho acontece, desenrola-se e segue infindo
como um fio de alegria, subtil e profundo, qual fundo do mar...
Um sonho de gansos a debandar, sobre sublimes e etéreos azuis;
num voo suave, de ave serena, em liberdade a vogar,
sobre os lírios brancos que inundam os efémeros paus,
sobre muros altos, de preconceitos e sobressaltos.

Sonho que sou como Hélios, o Sol, que no seu palácio do leste
se levanta dia a dia, a iluminar a felicidade que se sente
e pelo céu galopa velozmente, rumo ao seu palácio do oeste,
deixando uma réstia de luz a cercar-me num enlace quente.
Vou beber em mil e uma fontes, a magia e força da vida,
puxar com energia, o fio da alegria forte e envolvente,
esbanjar feliz a música a explodir, em alvoradas de Abril
e atingir o brilho suave das estrelas, cintilante e ardente.
Assim, os druidas, os deuses, a vitória e o sobrenatural
consentirão que o mundo seja perfeito e plenamente meu.
E acima da almejada e apetecida vontade de ser imortal,
dormirei sábia e feliz nos braços apaixonados de Morfeu.

PARTIDA

Aquele toque de silêncio que de repente se ouviu,
trazia o prenúncio de mais alguém que para o além partiu.

Era um toque pungente, agudo e dilacerante
que cobria de luto o negrume da noite
e a tristeza de quem desalentado o escutava.

E eu fiquei ali, angustiada, atormentada
por fantasmas voláteis, instáveis e vetustos,
numa angústia cortante, lancinante...

Aguardava um toque de alvorada e de luz

Que viesse iluminar as sombras,
que apenas se tornam em sombras
por ausência dessa mesma e apetecida luz.

Fiquei ali, como se tivesse raízes profundas
que me impedissem de prosseguir,

esperando um toque mágico, de mão invisível,
que me fizesse avançar, por velas de liberdade,
em busca de palavras que fossem sentimentos

de alento, ou de um toque do dedo de Midas
que numa analogia de ponderados pensamentos,

em vez transformar tudo, em ouro a luzir,

tudo transformasse em cadeias de nós apertados,
num mundo de harmonia, paz e eterna felicidade.

Isabel David

Nasceu em 1945 em Santarém.
Com 9 anos de idade foi para Angola com os pais, onde viveu durante
20 anos e 7 meses. Regressou com 5 filhos, em Agosto de 1975.
Foi durante 25 anos funcionária civil no exército, após os quais se
reformou. Tirou um curso de Técnica Auxiliar de Fisioterapia,
profissão que exerceu durante 20 anos. Aposentou-se definitivamente
em 2015.

SAUDADES DE LÁ

Eu não nasci em Angola, mas vim de lá.
Pariram-me noutra terra por acidente.

A minha terra está gasta, e pobre e velha.
Gasta a terra,
Velhas as pessoas que habitam nela
E que a tornam cada vez mais pobre.

Pariram-me noutra terra por acidente,
Mas fui p'ra lá.
Pequena ainda, fui.
E lá cresci, amei, vivi e sofri.

Lá, ouvi o chicote zurzindo
Nas costas do negro de manhãzinha,
Aagitado pela mão do branco da terra velha.

Lá, ouvi o canto do negro escravo,
Pungente, ritmado, triste e belo,
Acompanhando o chiado
Do cangulo, e do tinir da grilheta.

Lá, ouvi o ribombar do trovão
Sobre o meu telhado de zinco
Assustando o meu coração
De criança da terra gasta.

Lá, vi o rei da floresta, o leão,
Atravessando uma estrada
Sem medo de nada.

Lá, vi um pôr de Sol
Que enche o Universo,
Digno de um verso nobre.
Não o meu,
Não saberia escrever,
Porque filha da terra pobre.

Lá, vi vida brotando
do chão fértil, qual úbere bendito.

Lá, vi erros mil,
dos homens da terra pobre, gasta e velha.

Lá, vi a guerra, a morte.
E vi
O meu coração ficar aflito.

Angola ficou gasta
Mas não pobre nem velha.

Mas eu,
Eu tive de voltar
Ao sítio onde me pariram
Velha, gasta, pobre.

E de tanto Angola amar
Já só me resta gritar:

Oh gente da terra velha, pobre e gasta,
Eu, sim, eu,
eu vim de lá!

Joaquim Vale Cruz

Nasceu em Alpiarça, em 1932. Foi Ajudante Principal da Conservatória do Registo Predial de Santarém, que chegou a chefiar antes de se aposentar. Participou em 1954 na Expedição Militar a Goa-Índia. É autor da monografia "A Vila de Alcanede". Tem publicações poéticas em várias antologias. É sócio honorário da Associação de Defesa do Património Histórico-Cultural de Santarém e foi-lhe atribuída a medalha de honra do Círculo Cultural Scalabitano.

CAMINHO E SENTIMENTO

Somos todos caminho e sentimento
quando nos doamos uns aos outros por inteiro
e até podemos da amizade ser fermento
quando o amigo se vai tornando companheiro
Quando se sente amor e serenidade
ou esperança e amizade, tanto faz
outro caminho encontramos de verdade
pois nele podemos encontrar também a paz

Quando damos as mãos e plenos nos sentimos
ou nos amamos com força, intensamente
os caminhos de alegria perseguimos
e o gostar do outro se torna permanente

E assim serenos e reconfortados
podemos mergulhar na ternura de águas mansas
e presos de sentimentos delicados
nos tornaremos tão puros como as crianças

Porque essas veredas percorridas
cheias de flores que em nós vão germinando
se tornarão caminhos das nossas vidas
que dia-a-dia iremos consolidando

E quando esses caminhos nos dão frutos
e à luz do Sol provamos o seu sabor
nesses caminhos que vamos percorrendo argutos
em todos eles encontramos...paz e amor...

VIVER

Ninguém vive pela metade
e se disso tem vontade
não vai a nenhum lugar
pois tem de viver sem demora
o tempo que se chama agora
o qual nunca irá parar
É curto o espaço da vida
que alguns levam em corrida
p'ra tentar chegar primeiro
mas seja qual for a idade
ninguém sabe de verdade
se o gozará por inteiro
Se para amanhã adiamos
algo em que hoje pensamos
perdemos um tempo imenso
nos caminhos da ilusão
que nos levam à indecisão
tornados num contrassenso.

FASES DO AMOR

Há um sentimento estranho
Sem medida nem tamanho
Que pode até provocar dor
Começa numa atracção
Que perturba o coração
E dá p'lo nome de AMOR
No princípio é só desejo
De trocar um simples beijo
Ou de ir mais adiante
Fazem-se coisas sem nexo
Que podem chegar ao sexo
E a uma alucinação constante
Porém, quando em nós se instala
Nossos pensamentos abala
E tudo em nós é felicidade
Querendo tudo, um ao outro dar
Numa doação sem par
Pois tudo nele é bondade
E quando parece estar a acabar
De uma forma singular
Esta amizade profunda
Surge então de mansinho
Muita ternura e carinho
Que com MUITO AMOR nos inunda

Judite Leitão

Nasceu em 1953, em Casal do Paul-Almoster onde reside, casada, mãe de três filhos.

Concluiu o curso de Agente de Educação Familiar pela Escola Social de Leiria.

Participou no programa radiofónico "Cantinho da Poesia" na Rádio Cartaxo.

Participou em noites de fado e poesia na Biblioteca de Rio Maior, Alcanena, Teatro Sá da Bandeira em Santarém e Sociedade Portuguesa de Naturologia em Lisboa.

Participou em encontros de poetas na Sala de Leitura em Santarém

Participou no Encontro Anual de Poetas Ribatejanos em Samora Correia.

Participou no Livro "Naquele Tempo era Assim" de Maria Manuela e Serafina Moreira.

Co-autora da Antologia Poetas de Santarém, editada pelo Jornal "O Mirante" em 2007.

Participou como poeta convidada na Antologia "A Saudade" editada pela União Lusófona das Letras e das Artes (U.L.L.A.

Editou o livro de poesia "Afagos" em 2009.

Participou em órgãos de direcção do Centro Recreativo e Cultural de Almoster.

Presidente da Mesa da Assembleia da Junta de Almoster 2009-2013.

SANTARÉM, CIDADE DE ABRIL

Minha cidade morena
De mim tu vais sentir pena
Por tanto te querer amar
Olha o Tejo que bamboleia
E como linda sereia
Segue até junto do mar.

Fica-me esta dor no peito
É este o grande defeito
O de tanto te querer
Olhei sobre a campina
Já não a sinto menina
Está feita uma mulher

As tuas grandes muralhas
Bordadas como toalhas
Em tons de branco e anil
Ressoam a Liberdade
Tu és Rainha e Cidade
De grandes encantos mil

Do fundo do miradouro
Olho-te como tesouro
Que não pretendo deixar
Se parto levo saudade
De Abril tu és Cidade
E também meu doce lar.

TODOS OS DIAS

Todos os dias

As mulheres

Agarram o sol de mansinho

E regam canseiras

Fazendo crescer os afagos.

Governam dentro de seus lares

Onde são rainhas.

Nessas paredes,

De desejos, suspiros,

Cantos e sorrisos

Despedem-se das tristezas

Embalando os filhos.

Silêncios inventam

Quando anoitece.

A vida decorre

Há alegria e luz

E o poema acontece.

SABER OUVIR

Quando alguém
Vem à nossa beira
Para nos falar da sua alegria
Ou da sua dor
O importante
é saber ouvir.

Depois, dar uma palavra de alento
De Esperança e Alegria.
Não tentar encontrar sempre solução
Porque o outro não é igual a nós.
Mas para isso tem de se estar
Mais atenta e disponível...

"O essencial foge sempre ao que se vê"

Madalena Sequeira

Nasceu em 1955, em S. Salvador de Aramenha, Marvão.
É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Ciências Sociais e
Humanas, Sociologia e pós-graduada em Gerontologia.
Professora do ensino secundário e profissional. Professora
voluntária na UTIS desde a sua fundação
Apaixonada por literatura e poesia. Tem colaborado em colectâneas
literárias nomeadamente nas associações culturais: "*Palavra
Cantada*" e "*Gerábrica*"
Pseudónimo literário Madalena Salgueiro em homenagem a sua Mãe.

SER AVÓ

Quem sou eu p'ra desmentir
O que alguém a sorrir
Terá dito num momento?!
Ser avó ou ser vovó
É ser mãe açucarada...
É sentir-se renascer
Com a alma renovada,
É um viver e sentir
Que invade o coração...
Meu Deus, peço perdão!
É esquecer o sofrimento,
É sentir jovialidade,
É esquecer a idade,
É querer brincar e correr,
É ser por vezes pateta,
É gritar ao mundo e ao vento,
Sou avó, tenho uma neta!

OS TRILHOS DA VIDA

O caminho que se trilha,
É por vezes complicado.
Nem sempre o sol brilha,
Por vezes está nublado.

Levar a vida a sorrir,
É uma boa terapia...
Não nos vamos iludir,
Há que ter muita alegria.

Brindemos à amizade,
A cada estação da vida
Aos amigos, à união...

À vida com qualidade
Que merece ser vivida
Com uma grande Paixão!

Maria da Conceição Matos

Nasceu no ano de 1948 em Colos, Odemira. Aos oito anos lançou raízes em Oeiras até ir para Santarém em 1971. É licenciada em Gestão e tem Pós-Graduação em Direito. Foi funcionária pública durante seis anos e empregada bancária 37 anos. Tem dois filhos e três netos. Gosta de ler, escrever e pintar. Adora jardinar.

A MORTE SAI À RUA

Pum, pum, trarra, tá, tá, tá, tá, ta ...

Bombas explodem, metralhadoras
cospem balas e fogo, a desoras,
nas mãos d'homens sem rosto,
que, numa filosofia ignóbil e obscura
de mentes atrofiadas, matam e mutilam,
engendram guerras, numa urdidura
de xadrezes térreos, que manipulam

Pum, pum, trarra, tá, tá, tá, tá, ta ...

Saem de casa. O inimigo quase à porta.
Aos passadores dão tudo o que têm.
Agarram os filhos, as mulheres e alguns haveres,
deixam atrás os seus mundos, os seus quereres.
Resta salvar a vida e partir,
embrulhados em mantas de medo,
para os caminhos do degredo

Pum, pum, trarra, tá, tá, tá, tá, ta ...

Correm, avistam o mar, chegam ao barco,
entram, são empurrados, ficam num canto.
Vão mar fora, abandonados à sua sorte.
Choram... caem à água, esbracejam.
Não sabem nadar, sentem o torpor
da água fria que os amarra... praguejam,
afogam-se. Perecem em nome do horror.

Pais e mães, em gritos e pranto,
perdem os filhos nos braços do mar.

Outros... mãos amigas os agarram.
Refugiados, da ambição e desnorte
dos homens que bordam a morte
numa bandeira, que renegam,
têm a esperança de uma nova vida,
de um outro sol que lhes dê guarida.

Nos seus países, a guerra continua
O terror grassa, a morte sai à rua...

Pum, pum, trarra, tá, tá, tá, tá, ta ...

AMAR

Amar...

É sentir o que sinto

Abraçar o sonho de ti.

No amor que pinto

faço entrega de mim

num lençol de cetim

Nos caminhos do desejo

Amar...

É ter os teus braços ... o anseio

da tua pele ... oásis onde te beijo

nas esquinas do nevoeiro

MARGINAL DOS NOVOS TEMPOS

Hei! Tu aí Velho,
marginal dos novos tempos.
Vives, nas tuas escarpas,
de alentos perdido...
Não te fiques assim...
luta com teus desvarios
não te demores no jardim
de bancos ferrugentos.
Vive a vida ...
Não estejas vencido.
Estás no mundo!... Avança
mais uma etapa da vereda
escrita na tua colina.
Ensina aos novos
o caminho da esperança.
Só tu Velho...
Marginal dos novos tempos,
tens o saber dos caminhos andados.
Como tu, quero caminhar
a estrada...
os vales encantados...
Velho... adoro as tuas rugas!
Quero-as cantadas em cada dia,
Quero os teus anos esculpidos
no respeito e sabedoria

TENHO SAUDADES TUAS

Mãe,
tenho saudades tuas...
Tenho a noite no coração...
Olho o céu, vejo ruas
d'estrelas que brilham! São
de luz, as suas vestes nuas.

Procuro-te de entre elas,
lá está uma mais brilhante!
És tu, minha mãe?
És?... acenas-me?
Atiras-me o beijo
que sinto no rosto,
gotejado de chuva...

Mãe, tão pequenina,
dormia a teu lado descansada,
partiste em surdina...
Não fui capaz de chorar!
Fiquei à deriva, numa jangada
flutuante, no mar da revolta fina
qu' me abraçou na chicotada
escultora da minha estrada...
Da minha sina!
Como me lembro de ti!
Do teu sorriso lindo...
Os cabelos, azeviche, emolduravam
teu rosto, de marfim, florido.
Teus olhos mil beijos me davam...

Sem ti... segui estrada fora.
Ainda tenho esta dor no peito,
pendurada sem jeito,
no pêndulo do tempo,
ardendo nos anos que passam,
as saudades não apagam.

Não te despediste!
eu era tão menina ainda...

TIC TAC. TIC TAC

Dia após dia,
passa o pêndulo do tempo num murmúrio:
Tic-tac, Tic-tac...
Ecoa no espaço...não ouvimos!
Esvai-se nos vendavais
das rotinas vividas...

Cruza-se nossa labuta
numa encruzilhada que nos amarra,
nos prende numa garra
que de nós desfruta...

Guitarra tange as cordas,
trina baixinho,
valsa de vida e amor,
rodopia e dança,
gargalha, entristece na dor.

A vida acontece nos lapsos do tempo,
trepas montanhas, horizontes,
agita-se nos rápidos dos rios,
desagua no pulsar das esperanças,
cheias de estrelas e buracos negros.

Entre viver e ser,
nos abraços e nos beijos,
na brisa do entardecer,
branqueiam os cabelos
que, pintados de prata, dão saber...
contam histórias d'amor,
dão beijos de vida...

PRÍNCIPES DO NADA

Em Dezembro é Natal
hoje, amanhã, todos os dias
e sempre que o poeta quiser,
nas palavras talhar alegorias
Guerra, fome, indiferença,
intolerância... daninha grama,
que, no silêncio das mesas vazias,
bisela os olhos, sem luz, na rama
da dor, onde as crianças
sem doce, nem rabanada,
são os príncipes do nada,
de morte coroados,
nos ombros os mantos
de chuva e frio bordados
Jesus ouve esta prece:
com afectos no teu Santo Graal,
de Fé o mundo ilumina,
apaga o ódio que o domina,
envia estrelas de vida
que, ao amor, deem guarida

SEARA DE TRIGO MADURO

Fui lua... fui sol...
Primavera florida...
Verão quente e soalheiro!
Cantei com o rouxinol!
Sorri! Gargalhei atrevida!
Embarquei no cruzeiro...
Da viagem da minha vida...

Tive os espinhos da rosa
por companhia ardilosa...
Chorei...
Nuvens negras... trovões
pousaram-me no coração.
Lágrimas foram minha canção...
Naveguei ondas, em galeões,
no mar agreste e rugidor
da minh' alma, da minha dor...
Mataram-me ilusões...

De menina minh' alma!
Mulher de muitas vidas...
Vivo, nesta tarde calma,
As memórias vividas...

Seara de trigo maduro...
d'espigas esbeltas e loiras,
salpicada de papoilas
vermelhas, que persigo

na brisa que m' embala,
e despenteia meus sonhos...
A esperança... o meu abrigo
que guardo na minha mala

De Idade Maior
vivo a saudade...
O rosto amadureceu,
no corpo que me traiçoa!
Meus olhos são mocidade...
Cabelos ao vento numa canoa
o meu sorriso brinca no apogeu
da sabedoria da idade...

TENHO FOME DO MEU PAÍS

Na manhã pintada de arco-íris
o céu chora lágrimas, atiradas pelo vento
que me leva o chapéu-de-chuva.
Pérolas d'água salpicam-me o rosto.
Olho, absorta, as gentes que entram
apressadas e tomam o café da manhã.
Ninguém me vê! Estou só no temporal.
De caneta em punho escrevo o que sinto.
Tenho as entranhas ocas e dormentes,
misturo lágrimas e chuva.

Tenho fome do meu País, que me diz
p'ra me fazer à vida fora dele!
Faço-me à estrada da emigração.
Escrevo o percurso com pau de giz,
vou levar minh'alma na bagagem,
migalhas dadas por amigos, iguais a mim,
que talvez me sigam os passos,
no vórtice da coragem,
à procura de oásis de marfim.
A mala? Não é de cartão... isso... era d'antes!
Agora tem rodas, é da cor de meu sangue!
Na mão vai o computador... a ferramenta
em que escrevo... choro já a saudade
pujante do que sinto no peito,
me deixa na tormenta... exangue,
no augúrio da tristeza... da iniquidade.

No meu coração, de criança,
Levo, do meu País, a lembrança
do nascer do sol, na minha janela,
pintada, na memória, a aguarela.

Maria da Cunha

Nasceu em 1946 em Santarém, onde reside.
Trabalhou com deficientes mentais na área de têxteis e tapeçarias
durante 33 anos,
desenvolvendo inúmeras atividades junto à APPACDM.
Faz teatro desde a adolescência. Gosta de ler e escrever, e de
contar e ouvir histórias.
Maria da Cunha, pseudónimo de Graciete Cunha Alves
Tem três filhos e cinco netos.

POEMA À VIDA

Em mim te fizeste
Em mim cresceste
E quando nasceste
Fiquei deslumbrada

Dar vida à vida
É emoção contida
E muito sentida
Por ser tão sagrada

Olho o rosto lindo
Deste amor infindo
Que vive sorrindo
Pra mim encantada

Pra ti, meu amor,
Desejo que a flor
Tenha sempre cor
Seja perfumada
Não deixes que o mundo
Que é grande e profundo
Por vezes imundo
Te deixe alheada

Sorri sempre assim
Lembra-te de mim
E mais tarde enfim
Seja recordada.

NÃO SEI QUEM SOU

Não sei quem sou
Nem de onde eu vim
Nem pra onde vou
Sou uma partícula
Sem valor pro Universo

E desconheço
O que há para além do Sol
Que intenso nos aquece
A luz da lua
Que de beleza nos enche a alma
Os buracos negros
Que insondáveis são
Desconheço a imensidão
Da lonjura entre galáxias
Mas conheço o Amor
Porque amo e sou amada
Conheço a dor
Porque a sofri
Conheço a guerra
Porque a vivi
E a amizade
Porque a senti
Só quero a paz
Que nunca houve
Que nunca vivi
Não sei quem sou
Nem de onde vim
Nem pra onde vou.

~

Maria Helena Justino de Abreu

Nasceu em Santarém em 1951.
Profissionalmente exerceu funções administrativas até ao ano da
aposentação, em 2012, na Administração Regional de Saúde de Lisboa
e Vale do Tejo/Sub-Região de Santarém.

MÃE

Minha grande amiga, foste-te embora para uma grande viagem

Faltam-me as tuas palavras, o teu sorriso, os teus abraços, a tua alegria

Espera por mim, um dia hei-de ir ter contigo

O cordão umbilical da minha alma unir-se-á novamente a ti

E por fim mataremos as saudades com que a tua partida me encheu

Daremos doces abraços

E tu me encaminharás nessa nova dimensão que eu não conheço, mas sinto que existe

Porque és a minha MÃE e tomarás conta de mim nessa nova “infância” de uma outra

vida que começarei....

Maria Helena Lopes

Nasceu em Lisboa em 24.7.1937.

Tirou o Curso Geral de Comércio.

Inscreeveu-se como Técnico de Contas no ano de 1965.

Estudou no Instituto Britânico (University of Cambridge), tendo feito o "Lower Certificate in English" em 1965 e, posteriormente, o "Proficiency in English" em 1987.

Trabalhou durante vários anos na empresa "Sociedade Electrom, Lda.", propriedade do Eng. José Figueiroa Rego (já falecido), pai da pintora Paula Rego, nas áreas de contabilidade e tesouraria. Entre 1974 e 1997 trabalhou, como Secretária de Administração, na empresa UNOR-Embalagens, S.A., na Póvoa de Santo Adrião, tendo saído por reforma.

Veio, então, morar para Santarém, a fim de estar próxima da filha e dos netos, que já aqui residiam.

Frequenta a UTIS desde a sua fundação, em Março de 2004, tendo adquirido imenso conhecimento, ano após ano, através das matérias ali lecionadas, nomeadamente línguas estrangeiras, história, história da arte, direito, antropologia, entre outras.

HISTÓRIA DE PORTUGAL

Foi D. Henrique garboso cavaleiro
Que veio de França na era medieval
Com D. Teresa casou e teve um filho
Que iria ser o primeiro rei de Portugal

Afonso Henriques, o rei Conquistador,
Lutou com os mouros, pelejou sem parar,
Santarém, Lisboa, Alcácer, Évora, Beja,
Foi conquistando p'ra seu reino alargar

Portugal aumentou, foi povoado,
Os reis fazendo os mouros recuar,
Até que Afonso III tomou o Algarve
E foram expulsos p'ra nunca mais voltar.

Seu filho, D. Dinis, rei Lavrador,
Foi o fundador da Universidade.
Muito culto foi também Trovador
Fez mil cantigas de Amor e amizade!

Reinou depois Afonso IV, o Bravo,
A batalha do Salado o fez herói!
Porém, mandou matar a bela Inês
E o coração do seu filho destrói.

D. Pedro, o Justiceiro, louco de dor,
Ao ver morrer assim sua paixão
Quando assumiu o trono se vingou
E aos assassinos tirou o coração!

D. Fernando, seu filho, o rei Formoso,
Com Castela continuou a guerra.
A Lei das Sesmarias promulgou,
Fez uma aliança com a Inglaterra.

Sua mulher, Leonor Teles, e o Conde Andeiro
Queriam unir Castela e Portugal
Mas o Mestre de Aviz matou o Conde
E assim foi salva a honra nacional!

D. João, Mestre de Aviz, eleito rei
Lutou com os castelhanos e venceu.
Atoleiros, Valverde, Aljubarrota
Foram batalhas que nunca mais esqueceu!

D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável,
Foi o grande lutador p'la independência
E Portugal continuou sua história
Com D. João e sua descendência.

Casou com D. Filipa de Lencastre
Foi pai da “Ínclita Geração”
D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique,
D. Isabel e também D. João.

Vários livros como o “Leal Conselheiro”
Foram escritos por D. Duarte, O Eloquente,
No seu reinado houve o desastre de Tânger
E a peste negra que matou um mar de gente!

Portugal tinha a Espanha a Norte e Leste
A sul e oeste o mar o rodeava
Então para expandir era preciso
Descobrir o que p'ra lá se encontrava!

D. Afonso V, D. João II, D. Manuel
As caravelas durante os seus reinados
Partiram em busca de outras de outras terras
“Por mares nunca dantes navegados”!

O Infante D. Henrique impulsionou
As descobertas e como diz CAMÕES
“ENTRE GENTE REMOTA EDIFICARAM
NOVO REINO QUE TANTO SUBLIMARAM”!

Cinco séculos passaram desde então
Houve batalhas, lutas, momentos de glória
Política, poesia, tratados, descobertas
Tudo isto faz com que aconteça HISTÓRIA!

A CRIANÇA QUE HÁ EM MIM

Quando vou com os meus netos
Dar um passeio ao jardim
Salto, corro, pulo e vejo
A criança que há em mim!

Deliro com a Branca de Neve,
A Cinderela, o Tim-Tim!
Será que isto mostra bem
A criança que há em mim?

Um baloiço, que loucura...
Deixa-me andar Joaquim!
Não rias, é p'ra que saibas
A criança que há em mim!

Quem me dera ser bruxinha,
Voar pelo espaço sem fim,
Cavalgando na vassoura
A criança que há em mim!

Vítor Barreto

Nasceu em Elvas em 1956.
Viveu desde os 6 meses de idade em Santarém passando por Angola
(dos 4 aos 6 anos) e Moçambique (dos 12 aos 14 anos).
Tirou o Curso Geral de Comércio e o
Curso Complementar de Secretariado e Relações Públicas na Escola
Industrial e Comercial de Santarém.
Licenciou-se em Geografia na Universidade de Lisboa e em 1980
começou a exercer a docência da disciplina de Geografia.
Passou por todos os cargos de direcção pedagógica e administrativa
da Escola Secundária e Agrupamento de Escolas Dr. Ginestal Machado
em Santarém.
Gosta de todas as formas de arte.

NO DIA SEGUINTE

Peguei nas mãos do tempo

E sonhei ...

O entrelaçar dos dedos dos minutos que passam

Que procuravam encontrar a certeza do pensamento...

Que procuravam descobrir as razões da diferença ...

Que procuravam perceber a existência da vida

Peguei nas mãos do tempo e senti...

O deslizar dos momentos das incertezas

Que descobriam os raios de Sol da imaginação

Que descobriam que o luar também era luz

Que descobriam que o dia também era outro!

Peguei nas mãos do tempo e imaginei...

O silêncio da escuridão do outro dia.

Peguei nas mãos do tempo e sorri!...

GOSTO

Escuto

No regresso do que procuro

A solidão do silêncio.

Suponho

Que na brancura da verdade secreta

Encontrei serena incerteza do sonho.

Gosto

Que nada seja perdido

Amontoado no meu pensamento

Como um eco sem som

Gosto

Da memória da surpresa da noite.

Gosto

Do vento que nos surpreende.

Admiro

O desejo incessante

De chegar ao horizonte.

Ana Paula Miranda

Nascida e criada em Santarém no ano de 1954, sob o signo de Sagitário.

Estudou na Escola Industrial e Comercial de Santarém (Curso Geral de Comércio). Anos mais tarde, já adulta e mãe, no Liceu Nacional de Santarém concluiu o 12º ano em regime noturno.

Aos dezoito anos ingressou na função pública portuguesa.

Dezassete anos mais tarde, emigrou para a capital do "país dos Belgas", onde fez parte da função pública europeia durante vinte anos (Comissão Europeia).

Para além de outras, que fala e escreve fluentemente, o seu gosto pela língua portuguesa (bem falada e bem escrita) revelou-se cedo e sempre se manterá, mesmo à custa de muito desagrado por ouvi-la e vê-la tão maltratada!

Teve o mérito (e a sorte também) de poder aposentar-se antecipadamente.

Assim que regressou à sua terra, matriculou-se na UTIS, da qual já tinha ouvido falar. Alguns anos volvidos, continua a apreciar o convívio e a transmissão de saber entre professores e alunos: a sua sede de aprender não acaba!

MADREPÉROLA E FILIGRANA

Naquele dia o sol brilhava, as andorinhas esvoaçavam de beirado em beirado e as pessoas pareciam mais alegres e despreocupadas.

Laura tinha decidido dar uma volta pelo jardim e, para tal, amarrara a sua farta cabeleireira ruiva, num saltitante rabo-de-cavalo, que lhe dava um ar ainda mais jovem.

Sentou-se a apreciar a Natureza que desabrochava em cada canteiro, em cada centímetro de relva, e inspirou os aromas agradáveis misturados no ar.

Ao concentrar-se numa pétala de rosa que parecia não fazer parte da simetria do conjunto, olhou melhor e, qual não foi o seu espanto, aí encontrou um pequeno objeto a brilhar à luz do sol.

O que era? Como fora ali parar?

Olhou ao seu redor, sentindo-se quase culpada pelo achado, e pegou-lhe: na sua mão tinha um garfinho de dois dentes, em madrepérola, fino e delicado, com vários tons matizados.

Ficou a apreciá-lo pensativa! A quem teria pertencido? Como seria a pessoa que o utilizou?

Com estas perguntas sem resposta, acabou por adormecer, ali mesmo no banco do jardim, com o seu precioso achado bem junto ao regaço.

À sua frente, começaram a desfilar personagens tão díspares, gnomos, dragões e unicórnios, num bailado de cor e ruído ensurdecedor. Despertou!

Eis senão quando, surge uma criança de belos canudos dourados; era de tal forma resplandecente a sua imagem, que parecia envolta numa aura de luz.

Ficou sozinha com Laura. Esta quis falar, mas não foi capaz, os seus olhos não se desviavam daquela imagem celestial.

A dado momento, a criança estendeu-lhe a mão onde brilhava um pequeno objeto; Laura pegou-lhe e viu que era uma caixinha de comprimidos em filigrana. Na tampa, estava esculpida a imagem de Nossa Senhora de Fátima com os três pastorzinhos. Ao devolver a caixa, a criança desapareceu e um misto de frio e calor apoderou-se de

Laura, que, de repente, não sabia onde se encontrava.

Ao fim de algum tempo reconheceu o local. Ia voltar para casa, quando começou a ficar agitada por não encontrar o garfinho: tinha a certeza de o ter guardado!

Nisto, lembrou-se da caixa em filigrana e sorrindo, disse de si para si: - Se não encontro o primeiro objeto, que foi real, como vou encontrar o segundo, que existiu apenas no meu breve sonho?

Já mais calma, pelo caminho, pensava que era uma pena ter perdido o que encontrara, mas, afinal, também não lhe pertencia!

Ao entrar em casa nem queria acreditar: em cima da mesa da entrada, estava o garfinho em madrepérola, e, mais incrível ainda, a caixinha em filigrana.

Cremilda Salvador

Viveu em Moçambique até 1975. Licenciada em Literaturas Românicas e Mestra em Literatura e Cultura Africana, exerceu como professora em Moçambique e em Portugal. Ainda em África foi aluna de pintura do Mestre António Quadros no Núcleo d'Arte, na actual Maputo e fez um curso de Desenho Humorístico e Banda Desenhada, pela Continental Schools. Em Santarém frequentou o Centro Cultural como aluna do Mestre José Quaresma, durante quatro anos. Fez ainda cursos de porcelana e azulejaria a alto fogo com a professora Josefa Galinha e o Mestre João Malhou respectivamente. Tem também participado em workshops de aquarela, orientados pelos pintores Carlos S. Marques e António Bártole. Reformada do Ensino Oficial é professora na UTIS há quinze anos, onde lecciona as disciplinas de Pintura e de Literatura e Cultura Africana dos PALOP. É como professora na UTIS que se considera realizada pois sente que em cada aluno tem um Amigo.

MINHA IRMÃ “ZUCA-ZUCA”

Foi há muito! Eu costumo dizer, que noutra vida.

Sim porque eu cheguei a Moçambique nos anos 50, depois de atravessar mares e oceanos durante trinta e cinco dias, quase todos a ver céu, mar e peixes voadores.

Chegámos, eu e a minha Mãe, e o meu Pai levou-nos a viver para um compound*, onde já habitavam duas famílias portuguesas.

A nossa casa tinha quarto e sala juntos e uma cozinha enorme, separada dali uns cinco metros e ainda uma casa de banho comum, dum lado um chuveiro e do outro lavatório e sanita, tudo sobre cimento.

Hoje, quando olho para aquele tempo, em que não havia casas para alugar, rio-me daquela casa tão extravagante, mas para mim tudo era estranho e novidade: a paisagem, o clima, a cidade, as gentes que não conseguia diferenciar...

Mas... não me esqueci do porquê da estória.

Um dia apareceu-nos à porta uma tombasana*, magra, descalça, os cabelos separados em quadradinhos atados com linhas, de olhos estrábicos e remelados, com um vestidito de chita em cima da pele.

Foi uma alegria para mim, pequenita como ela e sem meninas para brincar. Ia vender alhos.

Eu, sem saber uma palavra de língua ronga*, perguntei-lhe: Como te chamas? Respondeu: Zuca. - O quê? Zuca!

Imaginei que seria o seu nome e assim ficou: Zuca Zuca! Só mais tarde aprendi que zuca eram 2\$50 ou seja, o preço dos alhos.

Sentámo-nos na soleira da porta da cozinha, de cimento encerado de encarnado, à maneira do chão africano. A minha Mãe trouxe pãezinhos com manteiga. A partir daí, a minha Amiguinha vinha quase todos os dias visitar-me; jogávamos às cinco pedrinhas e

ríamos-nos descaradamente num riso puro e solto enquanto eu apalpava os seus cabelos curtos, negros e crespos e ela os meus, lisos, loiros e compridos. Não dizíamos palavra, mas irmanávamo-nos num espírito livre e sem preconceitos, eramos apenas: crianças! O tempo separou-nos, quando o meu Pai arranhou uma casa melhor.

Durante estes longos anos e no meio do turbilhão da Vida, quando penso na minha irmã Zuca Zuca, invade-me uma enorme tristeza e saudade. Saudade de mim, da menina ingénua e solidária e dela porque nada mais soube. - Que é feito de ti, negrinha humilde e doce? Sobreviveste à guerra, resististe à vida dura que se adivinhava, tens filhos, netos? Nada sei de ti, como antes não sabia... só sei que guardo no peito o teu sorriso branco e alegre, as tuas mãos pequenas e macias e sei que enfeitaste a minha infância e deixaste para sempre uma imensa ternura no meu coração.

Se houver outra Vida, voltaremos de certeza como IRMÃS!

* ronga: língua falada no Sul de Moçambique.

* compound, talvez por influência do inglês com "pound", libra na África do Sul; era um espaço quase fechado e reservado a habitação.

* tombasana: rapariga, menina.

* zuca: 2\$50

Emília Daniel Leitão

A PASTA AZUL

Naquele dia, a estação tinha pouco movimento. Eram quatro horas de uma tarde pardacenta, com nuvens que adivinhavam chuva. Um vento frígido fustigava-lhe a cara. Denise puxou a gola da gabardina para se proteger.

Um homem alto, de barbas e bigode demasiado preto, com um sobretudo escuro, de bom corte, e um andar que lhe pareceu familiar, aproximou-se e entregou-lhe a pasta azul e volumosa que trazia debaixo do braço:

- Tome. Pediram-me para lhe entregar esta pasta. Era do seu pai.

E desapareceu, apressado, sem lhe dar tempo a questões ou agradecimentos...

- Espere, por favor! Quem o mandou?

O silêncio que se desfez no éter foi cortado pelo chiar do comboio que abrandava a marcha.

Que estranho. Quem seria? A voz pareceu-lhe familiar. O que conteria aquela pasta? E o nervosismo apoderou-se dela.

Trepou para a carruagem, aturdida. Não ousou abri-la, receosa do seu conteúdo, embora a curiosidade a tentasse.

Denise chegou ao prédio, em La Plaine, onde morava, nos arredores da cidade, levando nos braços a pasta. Empurrou a porta, com o pé. Esta bateu, atrás de si, com um ruído que a atordoou...

Subiu a escada, ouvindo o ranger da madeira sob os seus pés. Sentiu a humidade do corrimão onde se agarrou. O hall cheirava a fritos e no elevador ainda se sentia o perfume, barato, da vizinha do terceiro andar.

Entrou em casa. Um frio gélido penetrava pela frincha da porta metálica da varanda da cozinha, e um arrepio percorreu-lhe as costas.

Ao vê-la, ninguém diria que um dia tinha feito parte da alta sociedade de Clermont-Ferrand. Vivera em Bagatelle, uma mansão rodeada de luxuriantes jardins que se estendiam por um bosque frondoso, onde dois cães Labradores desferiam as suas energias, em cavalgadas poeirentas...

Era alta, cabelos loiros compridos, muito lisos e com uma grande franja. Os olhos eram esverdeados e não tinham perdido o brilho, apesar das vicissitudes que a assolavam. Moderadamente pintada, mantinha a elegância e o porte que herdara da sua mãe.

Denise era otimista por natureza. Tinha esperança num futuro melhor:

“Tudo tem uma fenda. É por aí que a luz entra”. É o que diz a canção de Leonard Cohen.

Vou encontrar a fenda que devolverá a luz à minha vida...

Sabia que alguma coisa importante ia acontecer. Pressentia-o. Era quase palpável. Seria aquela pasta azul, o início?

Lembrou-se do Fayet, o secretário do seu pai. Um homem elegante, agradável no trato, sempre gentil com toda a família. Quando os seus pais foram vítimas de um fatal acidente, tratou de todos os pormenores com uma dedicação que jamais poderia imaginar.

- Não te preocupes, minha querida. Eu trato de tudo. Podes contar sempre comigo.

Esclarecia Fayet, delicadamente. Denise dizia, por vezes, a David, colega dos bancos de escola, um dos poucos amigos que não a abandonaram:

- Não consigo entender, como é que o Fayet desapareceu, sem uma palavra. Era tão dedicado ao meu pai, às vezes até servil, sempre a par de tudo, adivinhando e decidindo os mais ínfimos desejos do meu pai ou da minha mãe. E comigo era extraordinário!

David não tecia muitos comentários. Limitava-se a dizer:

- Lá terá tido os seus motivos - e brincava:

- Se calhar tinha para aí uma montanha de filhos e uma mulher de bigodes que nunca quis apresentar...

E davam, os dois, uma sonora gargalhada. Entre eles havia uma cumplicidade, um entendimento profundo, com raízes na alma, que muitos invejavam.

David apresentava uma farta cabeleira negra e encaracolada que o irritava. A cara era morena, de um oval perfeito, com uns olhos negros cobertos por umas sobrancelhas

bem delineadas. Mostrava sempre um sorriso agradável. Vestia-se de uma forma elegante, mas sóbria. Tinha sido um aluno brilhante. Trabalhava na polícia de investigação. Falava pouco do seu trabalho, ao qual era muito dedicado.

Denise pousou a pasta na mesa da sala e abriu-a, com cuidado. Papéis e mais papéis. Começou a lê-los e as lágrimas corriam-lhe pela face, ensopando a toalha, sem que se importasse. Recomendações para a mãe, caso lhe acontecesse algo estranho. Que motivos teria ele para pensar isso? De facto, Denise nunca entendera porque a polícia lhe fizera tantas perguntas. Chegaram a insinuar que o acidente tinha sido provocado...

Na pasta havia uma relação dos seus bens, das contas da Suíça, dos Seguros e uma chave de um cofre que nunca aparecera.

Fayet dera-lhe algum dinheiro, que levantara quando os pais morreram, o que lhe permitia viver com alguma dignidade e bem-estar. Abandonara Bagatelle, por não a poder sustentar. Tivera alguma relutância em vendê-la, embora isso estivesse nos seus planos. Pensara em várias formas de a rentabilizar. Todavia, também para isso, era preciso dinheiro. E deixara o tempo passar sem se decidir.

As recordações ainda estavam muito frescas e a memória dos pais era uma presença forte que a tolhia. Também havia, sempre latente, uma réstia de esperança que a levava a adiar as intenções.

Resolveu telefonar a David, pedindo-lhe que viesse dar uma vista de olhos naquela papelada.

- Olha, David, traz uma piza que não me apetece fazer nada para o jantar.

Debruçaram-se os dois sobre os papéis, durante horas.

- Denise, tens de comunicar à polícia o aparecimento dessa pasta. Com a morte dos teus pais, ficaram muitas pontas soltas que a polícia andou a investigar. Concluíram que nem tudo estava explicado.

David saiu do prédio muito apreensivo. Quem lhe entregara a pasta, quase um ano passado? E por quê? Que intenções estariam por trás? Quem lucraria com isso, além de Denise? Tantas interrogações lhe enchiam a cabeça. Mas não iria permitir que ela sofresse mais, e não a queria preocupar desnecessariamente.

Voltou à polícia e esteve até de madrugada envolto em papéis...

Denise comunicou-lhe que iria reabrir a mansão e dar-lhe utilidade. O dinheiro que tinha na Suíça era mais que suficiente. David apoiou-a.

Passados uns meses, a casa estava habitável, os jardins arranjados e uma parte da casa seria a sua habitação. O resto, logo resolveria. Honraria a memória dos pais e os seus sonhos estavam a realizar-se.

- David, no sábado, vou inaugurar a casa. Vou dar um jantar para alguns amigos e pessoas que me ajudaram. Estou a contar contigo.

- Que bom. Conta comigo e com uma garrafa de champanhe.

- Vai ser a minha primeira noite na casa. Estou excitada, mas inquieta.

- Não te preocupes. Vais adorar. Que eu saiba, o teu segundo nome é Coragem.

- Obrigada pela força! Até sábado!

A sua primeira noite não foi muito sossegada. As memórias assaltavam-na e a presença dos pais fazia-se sentir em cada sala que percorria, em cada móvel. Ali estava o cadeirão onde o pai lia o jornal, a escrivaninha onde a mãe punha a correspondência em dia... Até lhe pareceu ouvir passos.

- David, podes ficar cá duas ou três noites comigo, até me habituar?

David anuiu, pois queria estar por perto. Os receios que o assaltavam não eram infundados, tanto quanto investigara.

Ele dormiria no quarto que tinha uma comunicação com o dela, para a poder ouvir.

Duas noites se passaram, sem novidades, salvo os passos que David, também lhe pareceu ouvir, no andar térreo. Antes de sair foi investigar...

- Porque não vens jantar? É uma forma de te retribuir o transtorno que te dou. E vem mais cedo.

- Primeiro pela tua reputação - e riram-se divertidos.

- Depois por causa do trabalho.

E não deu mais explicações. Contudo, não queria dar nas vistas. Tinha sempre o cuidado de entrar sem ser notado.

Nessa noite, David veio mais cedo e foi de imediato deitar-se. Cerca da meia-noite, sentiu o ruído de uma chave a rodar na porta do quarto de Denise e pensou que era ela a fechar a porta à chave, como lhe recomendara, mas ficou alerta.

Denise estava recostada nas almofadas a ler, quando sente a maçaneta da porta rodar, com muito cuidado. Não era David. Ele já estava a dormir. Olhava, horrorizada para a porta que abria, lentamente.

Reconhece Fayet.

- Fayet, o que faz aqui? Porque me aparece tão despropositadamente, a meio da noite?

Disse ela alto demais, para alertar David.

- Não tenhas medo, minha querida. Vim buscar-te. Amo-te, há muito. Não consigo viver sem ti. A distância aumentou a saudade. Tenho tudo preparado, para vires comigo, para um sítio que será o nosso ninho de amor.

- Não, não! Como pode ter pensado em algo tão absurdo?

- Sim, meu amor. Há imenso tempo que preparo tudo. Dinheiro não nos falta e eu estarei sempre para te servir. Sempre tive as chaves todas desta casa e manobrei tudo para que a pudesses arranjar. Depois te explicarei melhor o que fiz pelo teu amor.

No quarto ao lado, David ouvia, incrédulo, o que se desenrolava. Manda, de imediato, uma mensagem à polícia e espera o melhor momento para intervir.

“Espero que não esteja armado. A surpresa é fundamental”, pensou.

Entrou, de rompante, quando ele se preparava para a adormecer com um produto que trouxera. Dá-lhe uma cacetada na cabeça e algema-o, antes de ele ter tempo de reagir.

Um frasco e um algodão molhado caem por terra.

Denise está em pânico e desmaia.

A polícia chega e leva Fayet, enquanto uma ambulância leva Denise. Encontra uma carrinha a postos no bosque da mansão e vestígios no andar térreo.

No dia seguinte, Denise, mal recuperada do susto, recebe a visita de David.

Agradece-lhe e censura-o.

- Obrigada por tudo, David. Foste o meu Anjo da Guarda. Porque não me contaste tudo?

- Porque podias estragar toda a investigação. Fayet tinha sido visto por perto. Era um cadastrado. Tinha levado à falência uma empresa onde trabalhava e onde um dos sócios morreu de uma forma estranha, depois do desaparecimento de uma avultada quantia.

Mudou de nome e perdemos-lhe o rasto. Agora, os contornos eram muito semelhantes.

As provas, da exaustiva investigação, não eram conclusivas e não se encontravam razões plausíveis... Mas o obcecado amor traiu-o.

- E eu que lhe estava tão grata por tudo o que fez por mim...

- Já confessou tudo. O dinheiro que roubou ao teu pai vai-te ser restituído.

- E eu só te posso dizer: Obrigada, David!

Um forte abraço e um beijo, há muito desejados, selaram, demoradamente, aquele momento.

Nessa noite, já não dormiram em quartos separados...

TRIBUNAL DA NATUREZA

Introdução

A expressão teatral é uma poderosa arma, no processo de formação cultural e veículo importante, quando se quer passar uma mensagem. Esta é uma peça pedagógica, com a finalidade de chamar a atenção, de uma forma mais aliciante, para os problemas que afectam o Ambiente da Terra. E também para sensibilizar as comunidades, para os comportamentos a adoptar quando se utilizam os espaços da Natureza, para melhor os proteger. Tem, deliberadamente, muitas personagens, para poder ser levada a cena por uma turma de alunos e para que a mensagem possa chegar mais longe...

I Ato

Vai decorrer, numa clareira da floresta, o julgamento do Homem, acusado de várias ofensas contra o Ambiente. No átrio do teatro, reúnem-se todos os participantes no julgamento e o público que quer assistir ao mesmo.

Um jornalista faz a reportagem do caso, questionando, aqui e ali, animais, plantas e homens...

Jornalista: Qual é a sua opinião sobre este julgamento?

Concorda?

O que acha que o Homem deve fazer?

Pensa que vai ser condenado?

E o jornalista continua questionando o público...

Entretanto, um oficial de justiça vem chamar os intervenientes no julgamento, fazendo-os entrar no Tribunal, à medida que são nomeados.

Oficial de justiça: Peço silêncio a todos! Silêncio! (*E bate as palmas para chamar a atenção*) Silêncio! Eu, o elefante, fui escolhido para Oficial de Justiça, pela minha memória e robustez para impor a ordem.

Vou iniciar a chamada para o processo-crime a correr termos, neste Tribunal, “Natureza contra o Homem”. Quando os nomear, façam o favor de dizer “Presente!”, para saber quem falta e entrem na sala, de imediato.

E começa a chamada.

Professor Dr. Inocêncio Espírito Santo, Advogado de Defesa do Homem!

Advogado de defesa do Homem: Presente!

Oficial de justiça: Dr. Pinheiro da Duna, Digníssimo Advogado das Plantas!

Advogado das plantas: Presente!

Oficial de justiça: Dr. Mocho Sapiente, Ilustre Advogado de Defesa dos Animais!

Advogado dos animais: Presente!

Oficial de justiça: E agora chamo as testemunhas: Sr. Dom Lobo Mafra, Lady Oliveira da Serra, Sr. Pica-pau Bico Forte, Sra. D. Videira dos Copos, Sra. D. Ovelha do Vale, Lorde Eucalipto Sydney, Dom Golfinho de Tróia e Sra. D. Azinheira do Monte!

Todos: Presente!

Oficial de Justiça: Faltou alguém? Não? Então façam o favor de entrar para a sala de audiências. O venerável Público também já pode entrar para assistir ao julgamento. Ocupem os vossos lugares, ordeiramente, por favor.

O público vai entrando para a sala, enquanto o Oficial de justiça, na plateia, vai tomando apontamentos e verificando se tudo está em ordem, para o início do Julgamento.

Oficial de justiça: Neste Tribunal da Natureza, aqui no meio da floresta, vai ter início a sessão de julgamento que será presidida pelo Meritíssimo Juiz Dr. Carvalho Nobre.

(O Oficial de justiça convida o público a levantar-se, por gestos)

Juiz entra imponente e calmamente. Antes de se sentar, diz:

Juiz: Está aberta a audiência. *(Senta-se e prossegue)*

Sejam bem-vindos! Este é um julgamento, onde todos temos lugar. É a Natureza e todo o Ambiente, contra o Homem. Não queremos que este tribunal seja igual ao dos Homens. Aqui todos podem tomar a palavra. Eu, o ilustre carvalho, que adornei a cabeça de imperadores, símbolo de Apolo, fui eleito juiz, por esta assembleia, pela minha sabedoria, bom senso e longevidade. Prometo ser imparcial e justo. Declaro abertas as hostilidades. Hã! Perdão! Vou dar início ao julgamento. O Arguido já está presente?

Oficial de justiça: Sim, Meritíssimo Juiz. *(E dirigindo-se ao Homem)*. Faça o favor de se levantar para responder às perguntas do Dr. Juiz.

(O Homem põe-se de pé)

Juiz: Deseja prestar declarações quanto à matéria dos autos?

Homem: Sim, Meritíssimo.

Juiz: Jura, por sua honra, dizer a verdade, só a verdade e nada mais que a verdade?

Homem: Sim! Juro!

Oficial de justiça: Pode sentar-se

Juiz: O Sr. Procurador do Ministério Público tem a palavra para as exposições introdutórias.

Promotor público: Digníssimo Juiz! Eu, o sobreiro, fui nomeado Promotor Público, pela minha importância na sociedade. Sou o 1º produtor mundial de cortiça, que tantas divisas faz entrar no país, que estou representado nos mais finos champagnes...

Juiz: Deixe de se gabar, de trocas e baldrocas e vamos ao que interessa.

Promotor Público: *(Fazendo uma vénia)* Peço perdão, Meritíssimo Juiz, mas os meus pergaminhos são fundamentais para dar força aos meus argumentos. Assim, acuso o Homem de poluir o ar, os rios e os mares. De causar a extinção de muitos seres vivos, por ganância e ignorância.

Golfinho: Apoiado! Eu que o diga. Outro dia, fiquei cheio de petróleo e tive de ser lavado, num tanque. Vi morrer uma tartaruga com a cabeça enfiada num saco de plástico e um albatroz engasgado com uma tampa de uma garrafa.

Lobo: Que horror! Ainda bem que agora sou uma espécie protegida.

Advogado de defesa do Homem: Mas foi o Homem que te ajudou, seu golfinho tonto, não foi? Ehn? Lavou-te e salvou-te. Tratou ou não de ti, quando precisaste? Dr. Juiz, isto é inadmissível

Juiz: Cale-se! Quem vos autorizou a falar?

Advogado de defesa do Homem: O Meritíssimo Juiz disse que todos podemos falar.

Juiz: Sim, mas ordeiramente e autorizados.

Oliveira: Se me permite, vossa essência, digníssimo Juiz.

(Juiz faz um gesto de anuência)

Nós, as oliveiras, que durante anos, demos a luz ao mundo, que tão úteis somos

à mesa e na beleza, também temos as nossas queixas a apresentar.

Promotor Público: Deixa-te de lamúrias e diz ao que vens.

Oliveira: Sim! A nossa longevidade é famosa. Ainda estamos oito, no Jardim das Oliveiras, em Israel, do tempo de Jesus Cristo. Somos nobres e...

Pica-pau: E então, o que tem isso a ver com o caso? Tu és tão dura que eu nem consigo fazer o ninho, no teu tronco. Cala-te que não tens de que te queixar. Andam pr'áí a pôr oliveiras por tudo quanto é montes e vales e até jardins. Santarém já tem oliveiras por todo o lado...

Oliveira: (*Choramindo*): Pronto! Nem me deixam falar. Pensei que fosse uma assembleia democrática...

Eucalipto: Há sempre uns mais importantes que os outros, em todo o lado.

Promotor Público: (*Tossindo para aclarar a voz e se fazer notar*): Silêncio que ainda não acabei: Eu acuso o Homem de matar lobos, focas bebés, martas, visons e todos os bichos com pêlo, só para as ladies e os ricaços gingarem com belos casacos de pele, que custam vidas e fortunas.

Entra uma mulher com um casaco de peles, pavoneando-se, com muita arrogância e vaidade, enquanto os animais fazem UUH!! E as plantas UUAUU!!

Mulher de casaco de peles: E depois? Como é que eu me aquecia? Se calhar querem que eu ande por aí, como essas pindéricas a tiritar de frio. Nem pensar. Até os homens das cavernas usavam peles. É uma tradição que já vem de longe. Além do mais, fico o Máximo! Não acham? Olhem só!

(E dá umas voltinhas para se exhibir)

Ah! E criamos muitos empregos, fazemos o capital circular e outras coisas mais, seus ignorantes! Que mais querem?

E sai de cena, acenando ao público, enquanto os animais a vão apupando.

Animais todos: Fora! Fora! Sua fútil, ignorante! Fora! Fora!

Juíz bate com o martelo.

Promotor Público: (*Fazendo um ar de escárnio*) Adiante! Este episódio não deve

influenciar os jurados. Continuando: Acuso o Homem de invadir as terras com espécies florestais e searas que esgotam os terrenos, com espécies de rápido crescimento, como o eucalipto e outras, que roubam a água dos nossos rios. Acuso o Homem de provocar a erosão dos solos, causar alterações climáticas e ambientais...

Advogado das plantas: *(Interrompendo)* Um momento! Um momento! Eu sou o mais belo representante de todos os pinheiros. Sem mim, não tinha havido descobrimentos. Eu fixo as dunas, desde o tempo de D. Dinis. Agora estou aqui, com muito empenho, para defender todas as plantas. Não é verdade tudo o que, por aí, se diz do eucalipto. Se não fosse ele a ir para as celuloses, se calhar já não havia pinheiros. Tínhamos todos virado pasta de papel e nem dávamos madeira, pinhas, pinhões e resina.

Juiz. Adiante! Adiante! Estou farto de conversa fiada e desta feira de vaidades, onde todos querem parecer importantes. Na Natureza todos têm um papel que é único e essencial. Limitem-se ao indispensável. Vamos ao que interessa. Já acabaram as acusações ao Homem?

Promotor público: Não! Não! Elas são tantas! Sendo assim, vou continuar: Acuso o Homem de usar o fogo com negligência, sem tomar as devidas precauções, causando calamidades às plantas, aos animais e até a si próprio. Às vezes, por razões económicas ou de interesses particulares, faz desaparecer as nossas florestas, rouba-nos o oxigénio, polui o ar e...

Todos os presentes ligados aos fogos se levantam e protestam, interrompendo o discurso. O fogo põe-se à frente do Promotor público.

Fogo; Fogo-Labaredas sou eu, o incendiário. Mas, não tenho culpa. O Homem é que me provoca e me alimenta. E tenho dois amores, além da minha mulher, a Brasa: o pé-de-vento, que quando sopra, me empurra por todo lado e o calor abrasador. Abrasador – estão a perceber? Eu depois não consigo parar e vou por aí fora. O bombeiro é o meu pior inimigo. Ufa! Ainda, por cima, considerado, um herói, pelo Homem.

Fósforo: Eu também não tenho culpa. Só que, às vezes, perco a cabeça, quando a lixa roça por mim... Tenho um rival, mais perigoso que eu, o isqueiro-matreiro. Esse demora muito

mais a apagar.

Cigarro: Nem eu, com certeza. Até sou Beato, Ah! Ah! Ah! Sei perfeitamente que não tenho a culpa, embora aqueça demasiado e tenha tendência a atirar-me para o chão. O fósforo e o isqueiro é que me provocam. Sozinho sou só tabaco.

Foguete Ching Chong: Eu sou muito feliz. Sou o foguete Ching Chong, chinesinho, de gema. Também não tenho culpa. Só gosto de festas e bailaricos. No fim do ano todos me vêm admirar. Depois já não posso ir para o ar, porque faço mal, não é? O Homem nunca está satisfeito...

Juntam-se todos dançando e repetindo:

Todos ligados aos fogos: Nós não temos culpa, quem tem culpa é o Homem.

Escrivão: Alto aí pessoal! Eu, o amigo fiel do Homem, sou só um cão escrivão. Calma! Com essa chinfrineira toda, não consigo escrever. Mais devagar, amigos. Isto é só um Magalhães. Não é um computador topo de gama.

Promotor Público: Está bem. Mas estão sempre a interromper-me e, assim, perco o meu raciocínio. Onde é mesmo que eu ia? Hã?

Ovelha: Ias no “Acuso o Homem de poluir o ar”...

Promotor público: Pois, então, acuso o Homem de estar a provocar a extinção de espécies da fauna e flora da Terra.

Advogado de defesa do Homem: Peço a palavra, Meritíssimo! Eu, Inocêncio Espírito Santo, advogado de defesa do Homem, já estou farto de ouvir tanta palermice, sem me darem direito à alegação. Não acham que já chega de tanto acuso disto, acuso daquilo?

Advogado das plantas: Deixa de te armar em vítima. Nós temos o dever de esclarecer a audiência, do mal que o Homem nos faz e das calamidades que nos atingem: o castanheiro é atacado pela tinta, a vinha pela filoxera e o resto por muitas mais pragas e doenças. Queremos e temos o direito a um tratamento adequado.

Todas as plantas: Queremos e temos o direito a um tratamento adequado.

Advogado dos animais: Eu também tenho direito a expor o meu parecer: Além de nos matarem, a torto e a direito, somos dizimados por doenças que afetam as nossas produções pecuárias e a nossa caça: febre aftosa, BSE, brucelose, gripe das aves e muitas

outras maleitas. Queremos ser tratados com dignidade.

Advogado de defesa do Homem: Dá-me licença que use da palavra, digníssimo, Juiz?

Juiz: Palavra concedida.

Advogado de defesa do Homem: Obrigado Meritíssimo! Algumas dessas acusações são puras patéticas de ignorantes. O Homem teve as suas razões para agir assim. Algumas vezes, por ignorância, concordo. Ainda não tínhamos os conhecimentos necessários. Mas temos cientistas que se esforçam, em investigações caríssimas, para o bem-estar dos seres vivos, da Terra,

Lobo: Olha o espartinho a falar. Quantos animais já mataram só para vosso prazer e nessas investigações? Quantos hectares de floresta já destruíram, por questões económicas? Que adiantam tantos estudos?

Escrivão: Quem falou em hectares? O que é isso? É alguma coisa que se coma? O nome de uma ração canina? Já estou cheinho de fome!

Azinheira: Não, meu pateta! É, assim, um espaço do tamanho de um campo de futebol. Nessa área os choupos chegam a crescer 6 metros cúbicos por ano e às vezes, mais.

Ovelha: Ai é? Que bom para o choupo. Ele que continue por lá a crescer, para fazerem muitos palitos e fósforos que é para o que ele serve. Desde que não vá atear fogos...

Fósforo: Pois é! É o meu querido paizinho (*Diz arrastando a voz Chorosa*)

Todos riem do fósforo

Escrivão: Silêncio! Já nem sei o que é para escrever e o que não é. Ou se calam ou mando dar-vos um chá de pau de marmeleiro.

Homem: Já me apetecia um chá. E, eu, até gosto de marmelada.

Advogado de defesa do Homem: Não sejas tolo! Ele quer é dar-te com um pau de marmeleiro, nas costas.

Homem: Então já não quero marmelada

Juiz: (*batendo com o martelo na mesa*) Silêncio ou mando evacuar a sala e multo-os a todos por desrespeito ao Tribunal.

Videira: (*Mostrando confusão*) Dá-me licença, Alteza!... Majestade!... Ah! Não! Meritíssimo Juiz?

(*E baixinho*)

Ai! Já estou cos copos ou quê? Ah! Traquinices do meu filho mais novo, o vinho do Porto.

(*Continuando*):

Eu, videira, acuso o Homem de não saber utilizar-me, racionalmente. Bebe demais e é por isso que há acidentes, parvoeiras e até crimes.

Advogado de defesa do Homem: Eu até gosto de um bom copo de vinho.

Homem (*Baixinho*): Eu prefiro champanhe.

Fogo: Posso falar? Posso falar? Estou aqui a crepitar e a arder de excitação.

Acusam-me de destruir ecossistemas, mas a culpa é da negligência do Homem que não faz, lá, muito bom uso de mim. Eu depois não me consigo controlar e limito-me a crescer, crescer e avançar.

Homem: Claro! Ainda mais este para me ajudar a enterrar. Sou o culpado de tudo de mau que acontece neste mundo. Tudo eu, tudo eu, não é?

Cigarro: Claro? Pois claro! Se não fumasses, não atirasses beatas para a rua, se tivesses cuidado com as queimadas, com os piqueniques, as lixeiras... nada disto acontecia.

Escrivão: Olha quem fala! Até parece que não tem culpas no cartório.

Homem: Mas eu preciso de fogo. Faz-me falta para cozinhar, para me aquecer, divertir...

Escrivão: Por que não te calas? Hã? Cada vez te enterras mais.

O Homem faz um gesto irritado e cala-se amuado.

Advogado de defesa do Homem: Esperem lá! Mas o Homem tem armas para lutar contra o fogo, tem bombeiros, helicópteros, aviões. Faz a prevenção atempadamente e combate-o, heroicamente. Está sempre a inovar, a estudar, a inventar e a dar o seu melhor, para cuidar do mundo.

Ouvem-se várias vozes discordantes e o juiz bate com o martelo.

Eucalipto (*Pondo o braço no ar*): *Excuse me!* Eu só quero dizer uma coisinha. Dão-me licença? A mim, o Homem não me tem tratado muito mal. Talvez porque saiba que sou *made in* Austrália e vim para Portugal, há mais de 200 anos, para o ajudar. Eu sou o Príncipe da Tasmânia e dou a melhor pasta de papel. Até tenho de agradecer não viver lá para os lados da Alemanha. *Thank you!* Ouvi dizer que por lá as florestas morrem com as

chuvas ácidas, provocadas pelos fumos de algumas fábricas. Que horror! Aqui tá-se bem. Tá-se mesmo *very well!*

Lobo (*Com desprezo*): Coitadinho do Homem! Tenho tanta peninha dele!

(*E depois zangado*). É bom que seja condenado. Já acabou com a minha espécie nas serras. E tu, se não te pões a pau, vais pelo mesmo caminho e ficas a ver o Uluru, sem canudo. Qualquer dia vais à vida e nem para cartão serves. Depois quem se lixa é o coala, que só come folhas de eucalipto. Coitadinho!

Os outros animais repetem: Coitadinho!

Juiz (*Batendo repetidamente com o martelo*): Ordem na sala, se não, vai tudo dormir à prisão. Este julgamento está um caos, com tudo a querer falar ao mesmo tempo. Vamos a ver se nos entendemos, ouviram?

Advogado das plantas: Não se fala mais em eucaliptos. O Homem é que é a questão. É melhor passarmos aos “finalmentes” que isto já me está a cansar.

Pica-pau: Cala-te! Estás pr’á a agitar as agulhas feito parvo e já me deixaste cair uma pinha na tola. Que diz o nosso advogado?

Juiz (*Indignado*): Uma pinha na tola? Ah! Depois tratamos disso.

Escrivão: Com uma pinha na tola, se calhar é melhor chamar o INEM.

Advogado dos animais: Na qualidade de advogado dos animais, queira fazer o favor de desculpar esta intervenção do cão. Estou ansioso pela sentença. Mas não acham que devíamos ouvir o cientista que está muito caladinho?

Azinheira: Boa! Boa! Também estou ansiosa por saber que pena vão dar ao Homem. Vamos a isso.

Golfinho. O cientista já devia ter falado. De que está à espera?

Juiz (*Batendo, novamente com o martelo*). Silêncio! Todos a quererem evidenciar-se. Já é demais! Não quero ouvir nem mais um pio. Que fale o perito científico, nomeado pelo Tribunal.

Escrivão: Piu! Desculpem ão! ão!

O cientista encontra-se na plateia, no meio do público. Levanta-se e fala:

Cientista: Obrigado, Meritíssimo. Nós, os cientistas, temos feito experiências em

laboratórios, temos estudado, analisado e comprovado. Estamos atentos a todos os pormenores. Os nossos resultados são divulgados nas melhores revistas mundiais. Contribuímos para que se façam leis que protejam a Natureza e o Ambiente, em geral, e as plantas e os animais, em particular. Informamos todos, para manter o bem-estar geral.

Azinheira: Um momento! Pare lá que não consegui apanhar tudo o que pr'aí disse. Estou farta de sábios que não saem do gabinete e não conhecem a realidade. De que serve tanta lei, se o Homem as não cumprir?

Cigarro: Para essa coisa de leis, está aí o senhor guarda Moita dos Anjos, que fica furioso cada vez que vê alguém na floresta com um cigarro ou com comportamentos perigosos.

Guarda do GIPS: Pois fico. Eu sou Guarda do Serviço de Proteção da Natureza e do Ambiente e pertença ao GIPS.

Escrivão: Aos Gipsy Kings? Eu gosto da música deles! (*E trauteia uma*).

Guarda do GIPS: Não é aos Gipsy Kings. É ao Grupo de Intervenção de Proteção e Socorro. Faço a fiscalização no âmbito da Natureza e do Ambiente e passo multas a quem não cumpre as leis. Ajudo a proteger a riqueza cinegética, piscícola e florestal e ajudo a combater os fogos. Sou muito importante para a protecção da Natureza.

Cientista: Dá-me licença, Meritíssimo? Há uma coisa que vos posso garantir. É que vamos continuar a investigar cada vez mais, para contribuímos para a construção de um mundo melhor. Por isso, peço clemência para o Homem.

Escrivão: Fica registado!

Oficial de Justiça: Agora, tem a palavra a Senhora Prudente da Cunha, observadora indigitada pela ONU, para atestar da fiabilidade deste julgamento:

A Observadora da ONU está no meio do público. Levanta-se para dar o seu aval:

Observadora da ONU: Tendo este julgamento chegado ao seu termo e antes das alegações finais, cumpre-me informar a esta assembleia, como Observadora das Nações Unidas, que estive atenta a todos os pormenores das considerações aqui tecidas. Considero que este julgamento foi legítimo, justo e absolutamente imparcial. Assim, dou o meu aval a que seja lida a sentença.

Juiz: Ouvidos todos os lados da questão, vou-me retirar, para dar tempo aos jurados para

deliberarem da inocência ou culpabilidade do Homem. Está suspensa a audiência.

O Juiz retira-se e a assembleia faz uma grande barulheira.

Oficial de justiça: Vamos a calarem-se que isto aqui não é a Feira da Ladra. Nem é o intervalo das aulas.

Escrivão: Ainda bem que isto acabou. Já estava a ficar farto de tanto escrever. Até me doem os dentes. Não! As patas. Não! As falanges e falanginhas.

Golfinho: Eu também estou farto. Não sei porque me meti nisto. Estou ansioso por um mergulho lá p'rás bandas de Setúbal.

Videira: Que tal bebermos, no final, um bom vinho do Porto?

Lobo: Despachem-se que eu, tenho de ir para Mafra, onde vivo, que nem um Lord, bem protegido e alimentado.

Azinheira: E eu tenho de ir para o Alentejo. Tenho lá uma vara de porcos à espera das minhas bolotas.

Escrivão: Piu! Piu!

Pica-pau: Piu? A propósito de piu... Já estou a ouvir os meus filhotes, piu pr'áqui, piu p'ráli... Tenho de ir dar-lhes de jantar.

Escrivão dá um grande espirro e assoa-se ruidosamente.

Eucalipto: Espirros? A propósito de espirros! Quem está constipado? Eu dou-vos umas folhinhas com eucaliptol, para aliviar. Nisso eu sou muito bom.

Ovelha: Eu cá não estou constipada. Não sou nenhuma ovelha ranhosa. Tenho é fome. Apetece-me é estar num campo de milho ou numa pastagem bem verdinha.

Fogo: Fogo! A minha chama está mortinha por umas brasinhas a fumar e um ventinho, para avivar. Querem ver que ainda me apago!

Oliveira: Olhem lá. Deixem de pensar só em vocês! Eu, como símbolo da Paz, que anunciei a Noé o fim do dilúvio, acho que devemos todos dar as mãos para cuidar da Terra e dos seus Direitos.

Todos: Sim! Sim!

II Ato

Entra novamente o Juiz. O Oficial de Justiça faz um gesto para que todos se levantem.

Oficial de Justiça: Silêncio! Todos de pé. Vamos retomar a audiência para a leitura da sentença.

Juiz: Podem sentar-se. *(Faz uma pausa. Espera que todos se sentem)*

O Tribunal de Júri reuniu e considerou o Homem culpado.

O público manifesta-se ruidosamente, aplaudindo.

Advogado de defesa do Homem: Escutem lá! Mas tem atenuantes, não tem? Eu esforcei-me a defendê-lo, explicando os factos.

Juiz: Peço atenção para a leitura da sentença.

O Tribunal é competente e o processo está isento de nulidades. Os factos foram dados como provados e o Tribunal fundou a sua convicção na análise dos documentos e nos depoimentos prestados pelas testemunhas e pelo perito. Os factos são os seguintes:

E começa a ler o preâmbulo:

- O Homem tem utilizado e abusado dos recursos naturais de forma insustentável, pensando que são inesgotáveis;

- O seu comportamento provocou a poluição dos rios, dos mares, continentes e atmosfera, tendo até contribuído para alterar o próprio clima;

- A vida no planeta e a sobrevivência de muitas espécies da fauna e da flora tem sido posta em causa, pela destruição constante de habitats naturais da vida selvagem;

- O Homem, com a sua conduta, põe em perigo a possibilidade de transmitir às gerações vindouras uma Terra, onde o equilíbrio dos ecossistemas seja uma realidade;

- O trabalho que alguns políticos, cientistas, legisladores, fiscais e órgãos de polícia, associações de ambiente e cidadãos têm desenvolvido, em defesa do Ambiente, deve ser considerado uma atenuante;

- Os factos descritos e dados como provados integram o tipo de crime de abuso do planeta, violação do Meio Ambiente e desrespeito pela Vida. Tal crime é punido por lei.

Promotor público: Apoiado! Isto é que se chama Justiça. Muito bem!

Plantas e Animais (*Repetem*): Muito bem!|

Juiz (*Fazendo um gesto para que se calem*): Atendendo a tudo isto, decide o Tribunal: (*E passa a ler a sentença*)

Condenar o Homem a continuar com a investigação científica para melhorar a vida na Terra. Condenar o Homem a respeitar o Princípio: Reduzir, Reutilizar e Reciclar todos os lixos e resíduos. Condenar o Homem a devolver a vida aos rios e mares e a defender a água, como bem fundamental à vida na Terra. Condenar o Homem a substituir as fontes de energia poluentes e perigosas: petróleo, gás, carvão e nuclear, pelas energias renováveis do vento, sol, biomassa, ondas e marés. Condenar o Homem a defender o solo, a agricultura e as florestas. Condenar o Homem a adoptar comportamentos adequados à defesa do Ambiente, para o resto da sua vida, separando os lixos, plásticos, metais, vidros, pilhas, electrodomésticos e tudo o mais, colocando-os nos ecopontos apropriados. Condenar o Homem a integrar o desenvolvimento sustentável em todos os ramos económicos, ecológicos, culturais e sociais. E, por fim, condenar o Homem a divulgar e a sensibilizar toda a população para a observação das leis que regem a Natureza e os Direitos da Terra.

Todos: Os Direitos da Terra.

E todos aplaudem.

Juiz: Somos os guardiães de uma herança que recebemos dos nossos pais, mas que a temos emprestada dos nossos filhos e devemos transmitir, integralmente, aos vindouros. Tu, Homem, és o principal interessado. Passo-te a palavra. O que tens a dizer?

Homem: Digo que vou cumprir, com lealdade para com a Terra, todos os deveres que me são investidos, executando as obrigações a que fui condenado, procurando viver em harmonia com tudo e com todos. Quero viver num mundo melhor, onde haja paz e amor.

Todos: Bravo! Bravo! Viva! Viva!

Foguete: Pum! Pum! Viva!

Juiz: Que cada um dos presentes aprenda a lição e a transmita a todos os ventos, em todos os pontos cardeais. Para que, em todos os cantos da Terra, haja um bom Ambiente e paz. E agora, vamos todos dar as mãos e celebrar este momento de harmonia, entre o Homem

e a Natureza:

Todos: Harmonia entre o Homem e a Natureza!

Levantam-se todos e vêm para a frente dando as mãos, começando a cantar, enquanto as personagens que estão na plateia se dirigem para o palco, também a cantar:

Ambiente Amigo

Ambiente, meu amigo!

Vivo para te preservar.

Seja flor ou animal

Vou te proteger do p'riço

E ajudar a conservar

E tu, Homem, meu amigo!

Vais evitar poluir

Vais limpar e reciclar

Os seres vivos vais amar

Para o mundo melhorar

José-Augusto Rodrigues

Nasceu em Lagos em 1951.

É arquitecto e reside em Santarém

Participação Literária: Prémio Revelação da Sociedade Portuguesa de Escritores 1975 com o romance/novela *Anima*. Menção Honrosa Prémio Revelação Literatura José Galeno 1981 com o romance/novela *Anima*.

Livro Colectivo de Poesia e Novela, com o conto *Pássaro Louco - Fingidor 1*. Livro Colectivo de Poesia e Novela - *Fingidor 2*, com o conto *Imoteph*. Livro de Poesia - *Lioz*.

RECORDAÇÃO DE ABU ZACARIA

Os sonhos também têm coração. Abri o peito e deixei entrar a vida

só um instante...

faca polida a faiscar

só um instante...

com os olhos roxos do céu

cerro a boca

beijo-te... beijo-te...

gravo na tua boca

a minha boca inquieta

O meu sonho também tem coração. Abri o peito e deixei viver o sonho.

só um instante...

a faca entrou, lenta, e procurou o coração

sangrou e sangrou...

mais que um instante...

com o peito aberto

pinto a terra de verde

beijo-te... beijo-te...

gravo na minha boca

a tua boca inquieta

Suicidaram o meu sonho para sempre.

Não teve instante, nem teve tempo de ser sonho.

Enquanto percorro corredores

infindáveis

abre-se uma porta

vejo-te...
um ínfimo instante...
és o meu sonho
aberto

O coração de Abu Zacaria ou *Abzecri* (como tu me chamavas) já recomeçou a pulsar no meu sonho.

Serei ainda o teu amado de ontem... o homem que fui antes sou ainda agora.

Serei e sou o *al-ka-id* de *Xantarim*, o homem a quem as tuas mãos um dia possuíram no louco orgasmo da idade.

Persegui os lusitanos cristãos, reconstruí as muralhas da minha *al-qasbah*, olhei o sol e fui o teu poeta, apenas por breves instantes.

Por ALÁ fiz votos e orei como um louco, até amar-te, também, como um louco.

O meu nome, só tu o poderás reconhecer e chamares por *Abzecri*, o construtor destas muralhas, onde tantos séculos antes nos reencontramos e nos amamos.

Um breve momento... só um instante...

Amo-te hoje tal como te amei ontem, e por mais que hoje seja um sonho, tu serás sempre a realidade presente.

“E o castello de Xantarim jaz em hum monte muy grãde e muy alto e muy forte e ñõ ha lugar per onde possam entrar e combater se ñõ a muy grãde perigo”

Sim, sou eu, Abu Zacaria, que importa!...

para vós, habitantes passados presentes

Que tenha ferido o meu peito.

Hoje, passados tantos anos começo a esquecer-me de mim e dos acontecimentos que aconteceram neste preciso local.

Estas pedras já não são as mesmas que ficaram tingidas do meu sangue e das lágrimas, (que por acaso não chorei) que esforcei por derramar quando rocei a minha face por elas, numa tentativa de me ferir ferindo o meu orgulho de combatente.

Malvado cristão, igual a mim na bravura e no orgulho... na peleja fui obrigado a rasgar o meu peito com a adaga, para honrar a minha morte.

Sabes, Abu Zacaria já tem coração, e tu irás encontrá-lo como a mulher que foste antes e és agora.

Grito o poema que um dia me dedicaste, porque tu estás em mim e sempre estiveste. De nada vale suicidares o sonho, ele já tem coração...

Recordo-te, quando te vi pela primeira vez naqueles tempos passados.

Ironia do destino.

Este eterno inevitável passado sempre presente.

Sim... naquele dia quente e alaranjado do ano de 1140, beijei a tua boca e o gosto dos teus lábios perdurou durante estes séculos... também tu saboreaste a minha boca e os meus olhos verdes penetraram em ti.

A minha boca amante de ti

de desejo...

que deixei morrer há tantos anos.

Reencontro-te...

Vou voltar a reviver

vou voltar tempos atrás, e vou contar a nossa história.

És minha cúmplice e a minha única testemunha.

Que a história me perdoe e que tu, minha amada de sempre, te recordes do nosso amor.

Hás-de sonhar, um dia breve, com o teu passado, e verás novamente o rio banhar a lezíria.

Verás e voltarás a inventar o poema que uma noite me dedicaste.

*“encontro-te na planície fria
entre plátanos chovidos
e tardes de Março
e teus dedos lentos
silenciosos
como seixos deste rio*

*vejo-te afastar os ramos escuros
do tempo
como me dissesse*

*nunca mais
te abandonarei,
aqui estarei.*

*vejo-te desaparecer
em direcção à praia
da tua infância
entre ondas revoltas
e barcos estrangeiros”*

Eis o poema que me dedicaste em Março, naquela noite quente e ventosa em *Xantarim*.

Neste instante...

proponho-te um passeio pela minha fortaleza de ontem, que contemples o rio e os campos.

Aí recordar-te-ás,

num breve instante...

do teu passado.

Lembrar-te-ás quando o *al-ka-id*, *Almed ibne Elias*, no ano de 1132, tentou cercar a minha fortaleza e rebentar as pedras com vinagre e fogo, e tu me deste ânimo para a luta.

Lembrar-te-ás quando, um dia, cabelo ao vento, gritaste:

“- Enno termo de Sanctar~e há terra tam fructífera que do dia que semeã o pã ataa sete b~ejos.”

Lembrar-te-ás quando montava o meu cavalo preto, alazão árabe, que me foi oferecido pelo meu primo Mohamed ibne Mozain, e contigo cavalguei as planícies, e atravessamos as águas do rio, com o alazão apenas com a cabeça fora de água.

Lembrar-te-ás quando te revelei os planos para Alplan.

Ironia do destino... ontem al-ka-id de Xantarim... hoje o homem incógnito cujo nome não devo revelar.

Uma noite...

que será breve...

terás um sonho (se não o tiveste já), e ver-me-ás com uma flor no coração a caminhar.

Dos meus olhos verdes correrão lágrimas e eles ficarão extremamente brilhantes.

Sentar-me-ei no chão e beijarei a flor... então acordarás

de repente...

cheirarás um perfume indefinível, só comparado ao cheiro da flor da laranjeira.

Um sobressalto...

é já este eterno retorno do reencontro.

Dos homens e mulheres que passaram pela tua vida ninguém te amou como eu te amei.

Só eu te amaria como a profecia daquele quiromante que um dia me leu, ... *por ALÁ...* o destino na palma da mão e me condenou a vislumbrar o futuro tão distante.

Da minha longínqua cidade árabe, da minha praia de sargaços, dos meus pássaros e da minha adaga,

nada ficou de ti...

da tua voz cantante que enchia as minhas noites em melodia, ao teu cabelo pleno e suave

que acariciei como a animal meigo.

A tua voz, a tua boca, são as presenças e o sonho que guardo no meu peito.

Por um instante...

Ainda fazem pulsar o frágil coração de Abu Zacaria.

José Manuel Bento Sampaio

Nasceu em Almeirim em 1944.
Licenciou-se em Medicina como trabalhador estudante e especializou-se em Pediatria Médica no Hospital D. Estefânia. Foi Chefe de Serviço Hospitalar, Director Clínico e Director de dois hospitais: Distrital de Torres Novas e Rainha Santa Isabel.
Foi ainda Director e Presidente do Conselho de Administração durante cinco anos, com responsabilidades na construção e inauguração do Novo Hospital Rainha Santa Isabel.
Pós-graduado em Medicina Humanitária. Médico Sem Fronteiras com a AMI, na Guiné-Bissau, Timor Leste e Cabo Verde.
Foi Bolseiro do Conselho da Europa no Hôpital Enfants Malades, em Paris.
Foi professor na Escola Superior de Enfermagem de Santarém 23 anos e autarca em Almeirim 30 anos.
Presidente da Associação de Reformados, Pensionistas e Idosos do Concelho de Almeirim, Presidente da Federação das Associações de Reformados, Pensionistas e Idosos do Ribatejo e Vogal da Direcção do Movimento Unitário de Reformados, Pensionistas e Idosos.
Tem trabalhos publicados em Revistas de Pediatria e imprensa local e regional. Publicou três livros: O Grito, Memorial do Hospital Distrital de Torres Novas e do Serviço de Pediatria e Sal da Vida.
Em 2016 é atribuído pela Sociedade Portuguesa de Escritores e Artistas Médicos o prémio de poesia "António Ribeiro" pelo qual é publicado em 2017 a obra "Gritos".

O MEU FILHO AFRICANO

Como médico, já fui um pouco andarilho do mundo e não esqueço as muitas experiências que vivi. Algumas marcaram-me para a vida mas, as ocorridas nalguns países de África, um dos três continentes em que trabalhei, foram particularmente determinantes para a minha formação de homem e médico.

Vou contar dois episódios: o primeiro, revela a delicada relação entre o médico ocidental, a trabalhar com uma população africana e o cuidador africano, o feiticeiro, *o kimbando*, que reside permanentemente no meio do povo, pessoa mais velha, com autoridade, sabedoria e muito respeitado; **o segundo**, uma situação clínica inesperada, um parto em apresentação pélvica.

Numa madrugada, chamaram-me para ver um doente no quartel dos *TEs (tropa especial africana sob comando português)* distante cerca de dez quilómetros do quartel do Belize, já em plena floresta do Maiombe, no Enclave de Cabinda. Saí ainda noite escura, mas quando cheguei ao quartel começava a clarear. Fui conduzido até uma casa e entrei numa divisão onde estava uma mulher estendida numa cama. Os gemidos faziam-se ouvir. Estava rodeada por muitas outras mulheres e homens, cujos rostos apenas se adivinhavam. Naquele lusco-fusco, mal lhe distinguia as feições e senti que precisava de levar a mulher para a enfermaria do quartel principal, onde dispunha de melhores condições de observação e terapêutica. Era uma das esposas do chefe dos *TEs*. Expliquei-lhe a situação, olhou para mim contrafeito, mas concordou. Colocámos a mulher num jipe com o chefe e outros militares e iniciei a marcha de regresso. Passados poucos quilómetros senti um cano de espingarda nas minhas costas. Parei o carro e voltei-me. O chefe disse-me de forma muito determinada, num tom de voz ameaçador que não admitia qualquer discussão:

- Doutor a minha mulher não vai no quartel, a minha mulher vai no povo!

Fiquei surpreso, mas acatei a ordem e conduzi para a povoação que ele indicou. Chegados lá a mulher foi descarregada e entregue aos cuidados de um homem já idoso

que cumprimentei assim que cheguei. Era o feiticheiro. Reiniciei a marcha de regresso ao quartel. Não tive mais conhecimento do que aconteceu à mulher, mas acredito que o meu colega feiticheiro tenha resolvido o problema.

Não sei se haverão outros médicos no mundo que possam dizer que levaram um doente ao feiticheiro...

Em novembro de 1974, o Batalhão 4519, foi deslocado do Maiombe para a vila de Lândana e cidade de Cabinda, situadas mais a sul. Calhou-me ficar em Lândana, quarenta quilómetros a norte da cidade, vila simpática, com praia, embora com a água do mar marcada pelo petróleo que escoava das plataformas petrolíferas visíveis da costa. O meu trabalho consistia em zelar pela saúde dos militares do quartel e assistir a população no hospital local. Após uma semana de trabalho, a enfermeira pediu-me para ir assistir a um parto na casa do chefe dos correios, pessoa importante da vila. Estranhei o pedido uma vez que a generalidade dos partos eram feitos por enfermeiras-parteiras ou, em locais mais afastados, por mulheres curiosas com muita experiência. Na minha missão de clínico geral fazia quase tudo o que me aparecia, incluindo pequenas cirurgias e partos de apresentação cefálica.

Lá fui. Quando cheguei, verifiquei que a mulher já estava em trabalho de parto mas, só quando a observei, entendi a razão da chamada da parteira: o feto estava em apresentação pélvica. Nunca fizera um parto em apresentação pélvica. Conhecia a teoria do livro mas, durante o internato de policlínico, nunca acontecera deparar-me com a situação. Naquele momento, olhei para todos os que estavam à minha volta e senti o peso dos seus olhos cravados em mim. A parteira, o chefe dos correios e outros familiares que se encontravam naquele quarto esperavam, com ar ansioso, que resolvesse a situação. Não lhes podia dizer que estava com tanto medo como eles e que a minha experiência era nula. Concentrei-me, visionei as imagens do livro de estudo da faculdade e comecei a fazer o parto sem demonstrar a ansiedade que, interiormente, me consumia. *Puxei o membro inferior direito, depois o esquerdo, o membro superior direito, depois o esquerdo. A criança ficou apenas presa pela cabeça, com o tronco e membros no exterior. Rebatí a criança*

para cima do ventre materno e desencravei-lhe a cabeça introduzindo dois dedos na sua boca, fazendo pressão no maxilar inferior e terminando com um movimento rápido de minha mão. A criança, do sexo masculino, começou a chorar, cortei o cordão umbilical e entreguei-o à mãe perante o ar de felicidade e contentamento de todos. Estava exausto, mas foi dos momentos mais exaltantes e reconfortantes da minha vida de médico. Tudo tinha dado certo e a minha felicidade confundiu-se com a deles. Encostei-me a uma parede, fechei meus olhos e umas lágrimas caíram-me pelo rosto . A tensão do momento estava a denunciar-me, a trair-me...

O pai, um negro de Cabinda, alto e forte, na despedida, agradeceu-me e disse:

- Doutor, este menino também é seu.... Vou chamar-lhe José Manuel.

Margarida Miranda

67 anos de idade.
Portuguesa por nascimento. Moçambicana de coração.
Australiana por opção.
Apaixonada pelo belo e pela arte em geral.
Organizadora e líder por natureza.
Apaixonada por línguas, especialmente Inglês, que sempre leccionou.
Voluntária na UTI de Santarém desde 2006.
Grata à vida e ao amor.

UMA AVENTURA

I

Novembro de 1988.

A família reúne-se no Aeroporto da Portela para um adeus ao António e à Maria que, num acto de coragem, decidem voar até ao outro lado do mundo e procurar uma vida melhor.

Com eles levam as duas filhas. Seria impensável viajar sem as suas meninas, a Patrícia e a Filipa, respetivamente com treze e oito anos de idade. Na bagagem, levam roupas leves e frescas para enfrentar um clima quente que os aguarda e algum enxoval para as primeiras necessidades deste grande desafio.

Nas suas cabeças, medo, angústia, curiosidade e uma vontade enorme de correr riscos e de aventura.

Estava no sangue da Maria, era ela a força daquela família, era ela que empurrava o António para aquela aventura, era ela que queria quebrar as amarras que a prendiam à mãe e ao passado recente.

Ela já tinha uma longa história para contar.

Viera de outro continente, banhado pelo Índico, onde crescera entre o sol e o mar. Nunca lhe passaria pela cabeça que um dia teria de sair daquela cidade, deixar tudo para trás, perder as suas raízes e esquecer tantos anos e tantos sonhos.

Mas agora sim, ela tinha de dar a volta, ela precisava procurar aquilo que tinha perdido, precisava se encontrar, iniciar uma nova vida bem longe de tudo e de todos. Exatamente no ponto oposto onde tinha vivido estes últimos dez anos.

Numa cidade que também era sua, mas onde nunca se sentira pertencer.

Numa cidade onde não tinha amigos, conhecidos, pontos de referência, nada... Só tinha uma coisa em comum: falava a mesma língua e era lá que os seus pais e restante família decidiram fixar-se.

Nesses dez anos, quer a Maria quer o António, esforçaram-se tanto para ter uma vida melhor e poder dar às suas filhas tudo aquilo que achavam que elas tinham

direito. Mas era difícil... Muito difícil...

- Eu não sei o que têm vocês, dizia a mãe da Maria, cada vez que dão um passo em frente, seguem-se dois para trás. O que é que se passa?

E o António trabalhava dia e noite, e a Maria sempre a seu lado tentava ajudar e deitar a mão a tudo o que podia.

Mas não, cada vez era mais difícil para eles remar contra a maré das suas vidas. Ele sonhava...

- Vamos sair deste País. Estou farto, em dez anos não consegui chegar a lado nenhum.

- Sim, vamos. Eu odeio este País, esta vida pequenina, a mentalidade desta gente. Mas... para onde? perguntava a Maria.

- Vamos sair da Europa. Já não interessa a ninguém. Vamos para o Canadá.

- Nem penses! Nunca! Eu odeio o frio, os invernos. Eu preciso de sol. Eu não sei viver sem ver e sentir o sol todos os dias. Fico sem alma. Morro!

- Então, que tal irmos para a Austrália? Vamos pesquisar. Podemos ir a Lisboa à embaixada e saber o que é preciso para emigrarmos. Queres tentar?

Que pergunta apetecível para a Maria. Ela queria partir à aventura, ela queria apagar tudo o que já passara. Tantas lágrimas choradas, tantos sacrifícios para que nada faltasse às suas meninas, tantos pedidos de ajuda à família, e continuava a sentir-se apertada, esmagada, como se um polvo gigante a sugasse continuamente.

Não era a vida que ela tinha sonhado para si e sua família. Não era a vida que ela queria viver. Queria muito mais e merecia muito mais.

- Para a Austrália? Mas é tão longe... só se formos os quatro. Eu não deixo as minhas filhas para trás.

- Eu posso ir na frente, ver como é, arranjo trabalho e casa, e depois vocês vão lá ter.

- Não, nem penses nisso - ela era peremptória. Para onde fores nós também vamos! Vendemos tudo o que pudermos e o dinheiro que conseguirmos arranjar dará para iniciarmos uma nova vida longe daqui.

Nós até falamos Inglês sem problemas, e com dinheiro não há que ter medo.

O António, como bom Aquariano, dizia a toda a gente que ia viver para a Austrália, e não voltava nunca mais. Sonhava e fazia projectos, continuava a sonhar até que os dias e os meses foram correndo, e acabaram por passar dois anos. Da Austrália nada se sabia, e os sonhos começaram a ceder à realidade do dia-a-dia.

Deixou de falar da Austrália e foi tocando a sua vida para a frente, à procura de um rumo certo, uma carta da Embaixada. E dizia... “o vosso pedido foi aceite, poderão emigrar para este País e têm um prazo de seis meses para o fazer”.

Pânico. E agora? Agora que já se tinham quase esquecido deste projeto de vida. Agora que já rumavam noutra direcção... O que fazer? O que decidir?

E os pais de ambos, como iriam reagir a esta notícia?

O António não aguentava tanta pressão. Esperara tanto tempo, tivera tantos sonhos, mas agora...

Agora já não sabia se queria ir, agora a vida parecia encaminhar-se, até tinha comprado um carro melhor, ambos trabalhavam e se calhar já não valia a pena...

Mas Maria não gostava de perder. Então andaram dois anos a falar na Austrália, dois anos a sonhar com uma vida diferente, e o marido agora recuava? Queria desistir? Nunca!

Não tinha nada a perder... Só havia um senão. E os pais? Ela era filha única, havia duas meninas para ver crescer, e esse País ficava tão longe. Se eles adoecessem ou acontecesse algo pior, precisavam de dois dias para regressar.

- Temos de ir em frente. Temos de dar um futuro melhor às nossas filhas, pensavam ambos.

E assim chegou o tão esperado e sonhado dia.

A Maria andava angustiada, mas ao mesmo tempo excitada. Eles sabiam tão pouco daquele País, não conheciam lá ninguém, não tinham trabalho... Mas tinham uma família a crescer e muita coragem para serem capazes de virar as costas uma vez mais aos seus familiares, desfazerem-se da sua casa, dos seus bens, do seu carro, tudo o que era dado seria adquirido para começarem de novo. Pela terceira vez, eles iam à procura de

uma vida mais justa, mais digna.

A Maria era linda, com os seus olhos verdes, alta, magra, cabelos lisos escuros que usava compridos, gostava de se maquilhar, de seguir a moda.

Por isso, achou que devia investir no seu guarda-roupa e das suas filhas.

Não sabia nada do que vinha a seguir, como seriam as pessoas daquele País, como se vestiam, que hábitos teriam?

II

Trinta e duas horas mais tarde e chegaram finalmente ao destino escolhido e tão ansiosamente aguardado.

Para trás ficaram as lágrimas da despedida, os abraços, os desejos de boa sorte de todos aqueles que se juntaram para lhes dizer adeus.

Aqui já chegaram. Estão cansados de uma viagem tão longa e de tantas horas de voo, das lágrimas que choraram e do aperto que sentem no peito.

Eram duas da manhã na hora local.

- E agora? O que vamos fazer?

- Apanhámos um táxi e pedimos para nos levar a um hotel – diz o António – é fim de semana. Por isso vamos ter de aguardar até segunda-feira e então dirigimo-nos ao Consulado para pedir ajuda

- Tem calma, lembras-te que eu escrevi uma carta dirigida ao Cônsul Português, dando a nossa descrição, e pedindo eventualmente algum apoio para a chegada? Se bem que não houve qualquer resposta nem confirmação, pode ser que tenhamos sorte.

E quando tentavam orientar-se para as saídas do aeroporto, uma senhora aproximou-se e perguntou-lhes:

- São a família Marques?

- Sim, somos nós!

- Bem-vindos! Eu sou a Assistente Social da Comunidade Portuguesa em Perth e recebi a vossa carta. Tenho o meu carro lá fora e vou deixá-los num centro de férias para passarem o fim-de-semana. Depois, na segunda-feira, irei buscá-los para tratarmos das burocracias.

E foi assim que a Maria, o António, a Patrícia e a Filipa pisaram pela primeira vez o solo da Austrália e deram início a uma nova fase das suas vidas.

Dormiram mal, tinham os sonos trocados pela diferença dos fusos horários. Tudo era estranho à sua volta, não estavam propriamente num hotel de cinco estrelas, mas sim num centro de férias para jovens que naquela altura do ano não tinha ninguém, e por isso o Governo acolhia aí os seus emigrantes acabados de chegar. Tinham fome, as cabeças andavam à roda e as pernas tremiam como se ainda estivessem dentro do avião.

- Meninas, vamos tomar um duche rápido para irmos à procura do pequeno-almoço.

A Maria era uma mãe sempre muito preocupada e as suas meninas já não comiam há muitas horas. Começava a ficar nervosa, mas queria fazer-se forte.

O António não a podia ver assim, afinal fora ela que o empurrara para aquela estranha aventura.

Assim que saíram para a rua, um odor forte entrou-lhes pelas narinas, era um cheiro estranho ao qual não estavam habituados, e afinal estava na hora de almoço.

Rapidamente encontraram o refeitório e foram servidos. Mas o cheiro era cada vez mais forte e enjoativo. À sua frente estavam costeletas de carneiro grelhadas, salsichas de carneiro grelhadas, folhas de alface inteiras, tomates cortados em quartos e outras coisas com cores e formas estranhas.

O António nunca fora muito esquisito, havia que comer para recuperar da longa viagem e ganhar forças. A Maria, um pouco mais esquisita, tentando dar o seu exemplo, começou por estranhar que não havia temperos para a salada. Mas então não usavam sal, nem azeite, nem vinagre? Não se atreveu a perguntar!

Estava no início de um novo processo de aprendizagem. Usos e costumes dos quais ela nada sabia, e até o inglês que ela tão bem dominava, aprendido e estudado em Moçambique e África do Sul, lhe soava estranho.

Os seus ouvidos ainda não estavam preparados para aquele novo sotaque, uma musicalidade diferente, que ela lentamente se começava a aperceber e parecia não entender totalmente.

Mas esforçou-se por experimentar uma salsicha, uma costeleta e uma fatia de pão de forma. A vontade de vomitar era maior que a fome, e o cheiro intenso que lhe subia pelas narinas provocava mal-estar.

E as suas meninas? Pior ainda, só conseguiram comer um ovo estrelado com pão, uma maçã e uma Coca-Cola. Pelo menos o sabor e o aroma destes alimentos eram idênticos aos que estavam habituadas a comer na sua terra.

E chegou a hora de jantar. No entanto pouco mudou, continuava a cheirar a carne de carneiro, salsichas de carneiro e uma vez mais as meninas recusaram-se a comer.

A Maria começava a ficar preocupada e desesperada. Parecia que estavam num campo de concentração, não viam ninguém à sua volta para além dos funcionários daquele local, não podiam pedir ajuda a ninguém, pois não tinham qualquer contacto com o exterior. Só lhes restava aguardar pela segunda-feira de manhã e pela assistente social que prometera ir buscá-los, para dar início ao seu processo de integração. Começou a chorar, tentando disfarçar a sua preocupação.

Tinham que recuperar toda a energia despendida nestes últimos dias, reunir forças para o novo combate e levantar a cabeça.

As filhas descobriram um parque para brincarem e os quatro resolveram iniciar a descoberta, enquanto os seus sentidos começavam a despertar para tudo o que os rodeava.

Primeiro foi a visão. O solo era coberto de relva, arbustos, plantas em pinceladas de diferentes tons de verde a perder de vista no horizonte, e aí bem lá no fundo juntava-se um céu azul, sem nuvens, num azul claro luminoso.

Experimentaram uma sensação única, uma paisagem deslumbrante, grandiosa, que parecia não ter fim.

Era tudo plano à sua frente e apetecia começar a correr em cima daquela relva verde e macia e nunca mais parar. Nas casas alinhadas em diferentes tons de castanho e bege, em ruas perfeitamente perpendiculares umas às outras, não se detetava nenhuma irregularidade. Não havia uma erva fora do seu canteiro, uma pedra desalinhada, tudo parecia... perfeito, limpo e arrumado. Foi uma sensação única que a Maria nunca mais

esqueceu ao longo da sua vida pois, como mulher, prestava atenção ao mais pequeno pormenor.

E o ouvido? Eram sons de várias notas musicais, pássaros que nunca tinham ouvido cantar, bandos de papagaios que voavam por cima das suas cabeças e mais pareciam uma nuvem a esconder o sol que teimava em brilhar.

No entanto as crianças procuravam mais, e só se interessavam em procurar os famosos cangurus australianos.

Grande decepção! Não encontraram nenhum naquela primeira incursão à volta do alojamento. Mais tarde, foi-lhes explicado que os cangurus não andavam por ali no meio dos bairros residenciais, mas sim nos parques e fora dos limites da cidade.

E foi assim o primeiro contacto desta família com a fauna e flora, tão diversificada como viria a ser a sua estadia, e seus futuros amigos e colegas.

III

Tudo aconteceu muito rápido daí para a frente. Dois dias depois já tinham alugado uma casa e comprado mobiliário e utensílios domésticos para as primeiras necessidades. Uma semana mais tarde, António já trabalhava e as crianças entravam para as respectivas escolas. Logo a seguir, a Maria foi chamada para uma entrevista, precisamente na mesma escola primária em que a Filipa tinha sido matriculada.

Vestiu a sua melhor roupa, mala e sapatos a condizer, maquilhou-se, perfumou-se, colocou anéis e brincos, pegou no seu currículo, ergueu a cabeça, ligou o carro e foi direito à escola.

O coração batia-lhe apressado no peito, as pernas tremiam, mas ela não o podia demonstrar.

Aparentava uma calma e domínio, só ela sabia como, e foi criteriosamente avaliada e interrogada por três elementos da direcção.

Assim ganhou mais uma batalha. Foi admitida como professora auxiliar e servia também de intérprete entre a escola, crianças e pais dos alunos que chegavam dos mais variados países e cantos do mundo sem saberem, na maioria, uma única palavra de Inglês.

Só tinha passado um mês, e toda a família estava abrigada, organizada, as crianças na escola e os pais colocados, prontos e animados para refazerem as suas vidas e garantir o tal futuro para as suas meninas.

Margarida Zagalo

57 anos. Natural de Veiros, concelho de Estremoz, distrito de Évora.
Reside em Santarém desde 1994.
Apaixonada pela natureza, por arte e música, dedicou parte da sua vida às crianças e aos jovens como orientadora de estudos. Durante cerca de 5 anos dedicou-se à arte da *decoupage* pictórica (conhecimento adquirido em Florença), e cujos trabalhos estiveram expostos na Sala de Leitura Bernardo Santareno e no Teatro Sá da Bandeira, em Santarém.

MULHERES

"Era uma vez..."

Normalmente é sempre assim que todos os contadores de histórias as iniciam.

Mas a minha tem a ver com o mundo real e não com o imaginário, por isso, decidi iniciá-la de forma diferente.

Todos os dias me cruzo com dezenas de mulheres.

Umás ainda jovens que passeiam de mão dada com o companheiro de estudos e em cujos olhos brilham estrelas de ilusão e fé no amor e no futuro.

Mas também me cruzo com muitas outras de quem nem consigo vislumbrar o olhar, porque passam por mim a uma velocidade quase supersónica. São as que saem dos locais de trabalho à pressa e têm imensas preocupações a borbulhar no cérebro: "O que vou fazer para o jantar? O miúdo já saiu, estou tão atrasada. Aquela minha colega é uma egoísta, até parece que nunca precisou de trocar o turno por ter o filho doente! Será que ninguém entende que a minha vida não é nada fácil?".

E, ainda, com tantas outras, cuja idade já deixou marcas dolorosas nos seus corpos. Essas são as que se apoiam numa bengala ou arrastam os pés que há muitos anos deslizaram nos salões das matinés de domingo ao som de uma valsa como se não tocassem o chão...

Todas elas observo atentamente, e em todas descubro encantos escondidos.

Mas há um grupo que me leva a pensar num outro lado da vida que me entristece e me faz sentir um nó na garganta.

São aquelas cujos olhos se perdem num vazio de sonhos destruídos e enterrados pelas voltas da vida, cujos olhos já não têm brilho.

Um destes dias dei por mim a observar uma mulher que seguia no autocarro.

Muito possivelmente na faixa etária dos cinquenta e tal anos, tinha o rosto marcado pelo cansaço de quem trabalha e luta dia após dia para que a vida possa ser tocada para a frente. Corpo que os anos fizeram alterar o peso e que, no tempo que lhe falta, não permite idas ao ginásio, nem caminhadas ao fim da tarde. Mas o que me atraiu

mais foi o olhar...

Olhos de um azul maravilhoso, onde não existia nem luz, nem alegria, nem tampouco sinais de vida.

E ali estava eu, desesperada em busca de um sinal que me indicasse o porquê daquele vazio, mas não encontrei resposta.

Cheguei ao meu destino. O autocarro seguiu o seu caminho e, com ele, aquele olhar triste e desiludido com a vida.

Mas algo me continua a relembrar aqueles olhos azuis e tristes até hoje. Continuo em busca de uma resposta que sirva como um vestido, naquela mulher e, na tristeza do seu olhar, mas por muito que procure ainda não consegui encontrá-la.

A única resposta lógica que me surge de cada vez que o meu pensamento teimosamente vaguei-a até ao olhar azul, é tão simplesmente a que muitas vezes me vem à ideia quando dou comigo um dia inteiro sentada a olhar para uma tv na qual passa um filme que nem vejo e desconheço o nome ou, nos meus piores dias, quando à noite me revejo no espelho depois de retirar a maquiagem e penso: "mais um dia se passou e nada fiz para o viver".

Quantas de vós mulheres (... e, quem sabe, homens), já se confrontaram com esta realidade?

Vivemos a vida em passo de corrida e nem sequer reparamos que não a vivemos, somente a vemos passar no calendário, ano após ano.

Nós mulheres pensamos sempre que um dia iremos ter tempo para realizar os nossos sonhos, de fazermos aquilo que sempre desejámos fazer, mas que sempre adiámos.

Primeiro chegam os estudos, depois o trabalho, o casamento, os filhos, a lida da casa, os pais ficam velhotes e dependentes de nós, os netos... Tudo é prioritário, e os nossos sonhos vão ficando naquele cantinho cor-de-rosa onde os criámos, sempre à espera de termos tempo.

E pensamos... "Quando me aposentar!". Esquecemos, porém, que nos podemos aposentar de uma carreira, de um simples emprego, mas nunca nos aposentamos das

preocupações com a família... o marido, os filhos, os pais envelhecidos, os netos, a casa, a cozinha...

É isso que nos define enquanto seres femininos!

Irão possivelmente levantar-se contra mim as vozes de homens que são pais exemplares; maridos que ajudam e partilham tarefas caseiras com as suas esposas; homens que vivem e lutam todos os dias pelo bem-estar da família; avós que transportam, brincam e cuidam diariamente dos netos.

E eu aceito sincera e humildemente que o façam... mas hoje, que me perdoem os homens, escrevo sobre mulheres... e olhos azuis e de todas as outras cores. Olhos que perderam o brilho, a fé, a esperança, a vida!

Falo da solidão e da missão quase impossível de ser Mulher nos dias de hoje e de sonhos deixados no cantinho cor- de- rosa, uma vida inteira!

Da esperança que ainda temos de "um dia eu vou fazer".

Falo sobretudo dos olhos que já não vivem, porque a vida passa todos os dias por eles como uma folha de calendário que amachucamos e deitamos para o lixo.

Falo de mulheres que vivem dias e noites solitárias enquanto os seus maridos lutam e representam a Pátria em destinos longínquos.

Falo de mulheres-mães que não dormem um sono repousado, porque já não basta que os filhos tenham cursos universitários para garantirem o futuro.

Falo de mulheres a quem um cancro ceifou a vida antes de verem os filhos crescerem.

Falo de mulheres-avós que todos os dias tomam um café apressado com as amigas porque precisam regressar a casa para prepararem o almoço dos netos.

Falo de mulheres que caminham apoiadas numa bengala, arrastando atrás de si o carrinho de pano com as compras, por não terem quem lhas leve à casa.

Falo de mulheres abandonadas nos hospitais ou nos lares pelos seus filhos.

Falo de mulheres que não viveram a vida e que somente a viram passar.

Falo de mulheres na primeira pessoa!

Por tudo isso peço perdão aos homens se fui injusta (e sei que o fui para muitos...).

Sejam Mulheres ou Homens, vivam a vida em cada momento, amando as coisas simples, apreciando um pôr de sol, colocando pinceladas de cor em tudo o que fazem.

Amem. Abracem. Beijem. Riam. Dancem. Cantem... sejam a vossa prioridade!

A MENINA QUE VIU NASCER A REVOLUÇÃO

Dia 24 de Abril de 1974

O dia tinha sido de festa lá em casa. A mãe da menina festejara o seu aniversário, e a menina, que amava a sua mãe, tinha vivido aquele dia intensamente, como se do seu próprio aniversário se tratasse.

Adormecera com um sorriso no rosto.

Dia 25 de Abril de 1974

O dia nasceu ensolarado. A menina de cabelos cor de mel, de corpo magro e frágil, despertou de olhar vivo e feliz, desconhecendo como a vida estava prestes a mudar.

Aquele seria um dia diferente de todos os outros que já vivera, tal como o seria para todos os meninos de Portugal porque naquele dia nasceria a Liberdade.

Guidinha acordou cedo ainda com a alegria do dia anterior estampada no rosto.

O pequeno almoço, para além do seu preferido pãozinho com manteiga e o seu leite morno com Nesquik, teve naquela manhã outro mimo: a última fatia do bolo de aniversário que havia sobrado da festa.

Depois desceu apressadamente as escadas do prédio onde vivia, porque na rua os amigos já a esperavam para mais um dia de escola e brincadeiras.

Mas todos os meninos teriam o dia só para brincar na rua sob os olhares atentos dos pais.

Com o avançar da manhã, a menina foi observando que os clientes do café, de que o pai era proprietário, estavam diferentes... Uns sorriam de tudo e de nada, outros mantinham-se sérios e meio inquietos.

Junto à porta do café, o carro azul escuro do senhor Vítor estava estacionado, de portas abertas, e os homens acoravam-se junto dele ouvindo atentamente o locutor do rádio ligado. O que a menina ouvia através da voz que vinha do rádio eram palavras que lhe eram totalmente estranhas... golpe de Estado, ditadura, revolução, liberdade.

Nos seus quase doze anos de idade, sentia-se perdida no meio de tudo aquilo,

mas entendia que o que estava a acontecer era muito importante, só não entendia o porquê.

E os porquês são sempre algo que acompanha o crescimento de todas as crianças, e a menina gostava de entender as coisas, adorava aprender para que os seus porquês fossem obtendo respostas.

Sentada com os amiguinhos junto à porta do café do pai, os seus olhos iam de rosto em rosto, em busca de respostas para tudo aquilo que se passava e que queria muito entender.

Observou como as ruas, com o passar das horas, se iam enchendo de pessoas que se abraçavam. Uns riam, outros choravam, iluminando os rostos molhados com sorrisos.

A noite começou a cair naquele dia de Abril, diferente de todos os que havia vivido até aí, mas ninguém parecia querer regressar a casa.

Ela questionava, e a mãe explicava-lhe que os militares tinham feito um golpe de estado, que estavam a libertar o país da ditadura. Todas essas palavras já ela ouvira ao longo do dia, mas continuava sem entender e voltava a questionar.

Finalmente chegou a hora de ir para a cama (naquele dia bem mais tarde do que estava habituada) e com ela foram deitar-se as inúmeras questões que na sua pequena cabeça surgiam e a que nenhum adulto lhe havia respondido naquele dia especial e estranho... nem o tio Manel, que ela via como um sábio, o havia feito!

De olhos a fecharem-se de cansaço, ainda pensou que talvez nem os adultos soubessem as respostas para tantas perguntas. Adormeceu.

A noite foi povoada de sonhos e imagens de tanques e de soldados com espingardas, com cravos vermelhos nos canos de onde normalmente saíam balas.

E assim despertou para os dias que se seguiram. A menina continuava a sua batalha de questões... questionava os adultos à sua volta e aos poucos foi obtendo algumas respostas. Observou também que os olhares passaram de preocupados a felizes, que todos pareciam mais felizes, mais aliviados e mais unidos. Havia imensos sorrisos nos rostos, ouviam-se gargalhadas e todos se abraçavam como se fossem amigos desde sempre.

A televisão mostrava imagens da libertação dos presos que os adultos diziam que não tinham cometido crimes. E novamente na sua pequena cabeça surgiam novas questões sem resposta: "Se não cometeram crimes porque estiveram presos? O que são presos políticos? O que significa política? Porque tinham estado presos afinal?".

Os dias foram passando entre momentos de felicidade e euforia. Para ela só existia algo que era verdadeiramente claro... os militares eram os heróis daquela nova liberdade e com as suas espingardas com cravos vermelhos nos canos tinham libertado o seu país dos ditadores que oprimiam o povo e, que agora, todos eram livres para dizerem o que pensavam, e que a isso chamavam Liberdade.

Dia 1 de Maio de 1974

Maio chegou mais colorido, mais barulhento e mais alegre que nos anos anteriores.

Nesse dia a menina viu as ruas do seu Barreiro transformarem-se num oceano humano.

Nunca ela imaginara que a cidade onde vivia tinha tantas pessoas e que todas sabiam sorrir e cantar.

A menina deixou-se levar por aquele oceano humano e vibrou com as palavras de ordem, com as canções e, sobretudo, emocionou-se ao ver tantas bandeiras coloridas. No coração da sua cidade ouviu milhares de vozes erguerem-se e cantarem, como se de uma única voz se tratasse, o hino de Portugal.

Novamente os rostos se iluminaram de sorrisos banhados de lágrimas. E nesse momento a menina cantou o hino que aprendera na escola, e chorou, mas também entendeu finalmente o que se passava à sua volta.

As questões obtiveram respostas, as novas palavras ganharam sentido e o seu olhar brilhou.

Dia das primeiras eleições livres

E o tempo foi passando. E chegaram finalmente as primeiras eleições livres.

Na sua rua, a sociedade "Os Leças" recebeu as mesas de voto. Fuzileiros faziam-

lhe guarda.

As mulheres presenteavam os soldados com cravos vermelhos, bolos, comida. Os homens elogiavam-nos, abraçavam-nos e partilhavam com eles cigarros, conversas e gargalhadas.

As crianças aproximavam-se timidamente e, pela primeira vez, tocavam uma farda e viam de perto uma espingarda de cano colorido por cravos vermelhos.

Os homens fardados eram os novos heróis, os novos super homens que não vestiam collants nem fatos coloridos, mas fardas verdes como a esperança de todos quantos os veneravam e abraçavam repetidamente.

E a menina achou aquilo tudo muito lindo, sorria de manhã à noite... mesmo quando dormia.

Diziam os adultos que agora havia esperança no futuro, que a vida iria melhorar, porque a Liberdade invadira as ruas e o coração das pessoas. Fardada, carregava nos braços a arma que em tempos fizera a guerra e cuspira balas que matavam pessoas, mas que agora trazia no seu cano um cravo vermelho, como o sangue puro que corria nas veias dos homens e não se espalharia mais em solo africano.

A Liberdade derrotara a prisão, a tortura, a dor, o sofrimento, a morte... e trouxera consigo a alegria e o arco-íris da vida!

A menina acreditou no que ouvia e amou essa Liberdade com toda a sua ingenuidade e pureza de criança. Só tinha pena de não poder abraçá-la (como as pessoas faziam com os soldados que a trouxeram), mas acreditava que a Liberdade iria saber do seu desejo secreto de o fazer.

Os anos passaram (46 anos...), a menina de quase 12 anos foi crescendo e a mulher em que me transformei continua a amar essa Liberdade.

Apesar de hoje entender todas as "palavras novas", só tenho pena que muitos dos meninos desse tempo tenham esquecido os soldados que a trouxeram e os cravos que a perfumaram!

Rejane Wilke

Nasceu em Porto Alegre, Brasil, em 1946.
Formou-se Jornalista, trabalhou em jornais e revistas, escreveu
livros e, nas horas vagas, adora colar cacos e brincar com
mosaicos. Há dois anos virou uma destemida e feliz imigrante,
tornando-se, por coincidência, vizinha do Pedro Álvares Cabral...
Tem duas filhas e um neto.

AULA DE ANATOMIA

Para feia ela não servia. Nem magra nem gorda, mais para alta, nem loira nem morena. Castanha, como se diz. O cabelo talvez fosse o que tinha de mais bonito, liso, macio, refletindo os tons da tintura acobreada com que tentava disfarçar os fios brancos que já estavam tomando conta. Uma vaidade, das poucas que se permitia ter.

Na repartição pública, onde trabalhava há tantos anos, era meticulosa no desempenho da função e estimada pelos colegas. Alguns às vezes brincavam com sua condição de solteirona, fazendo piadas amigáveis, candidatando-se ao encargo pioneiro de fazê-la descobrir os prazeres do amor, tudo numa boa, quem levaria a sério esse tipo de bobagens ditas a uma fraternal companheira, já há muito desinteressada de tais assuntos?

À falta da própria família, suas atenções se concentravam nos sobrinhos. Durante anos a fio, a turma da repartição acompanhou os relatos das extraordinárias façanhas dos dois moleques que, aliás, já estavam bem crescidinhos, a essas alturas estudando para o vestibular ou já na faculdade.

Do início ao fim do expediente, eles eram o assunto preferido. Não que ela não fosse responsável e eficiente. Pelo contrário, as pastas e fichários do departamento de pessoal eram um modelo de organização e capricho. Mas, obrigações à parte, os sobrinhos eram um verdadeiro xodó, capazes, pelo visto, de derreter o coração das tias mais calejadas do mundo. Ela vivia satisfeita, não precisava de mais nada, tristeza era palavra fora do dicionário.

Paixão, se é que um dia houve, terá ficado à margem do tempo e do cartão-ponto, como um expediente não cumprido. Nunca um abraço, nunca uma mão tateando-lhe os contornos nem buscando invadir os escaninhos secretos do corpo. A irmã casou cedo, os pais morreram, e ela? Ela era sub-chefe do departamento de pessoal, eis a biografia.

Todos estranharam, portanto, quando ela faltou ao serviço durante uma semana. Depois de alguns dias de ausência, vieram vagas informações sobre problemas no estômago, ia fazer uns exames, tirar uma licença.

Passou-se a segunda semana, a terceira. Até o dia em que um dos sobrinhos ligou para a repartição: a tia havia morrido. “Foi anteontem”, disse. “Não houve enterro, ela pediu que o corpo fosse doado à Faculdade de Medicina”.

O corpo, por hábito de negar-se, nega-se pela última vez ao cerimonial do enterro, ao choro ligeiro dos poucos parentes, ao túmulo com endereço certo num cemitério digno, com uma cruz ou pelo menos uma flor de plástico.

Na faculdade, está pronto o cenário para o acto pela vida inteira adiado. Em vez da intimidade de um quarto, uma sala com azulejos encardidos. No lugar da penumbra de um abajur, os focos do refletor. Como um leito preparado para o ato amoroso, a superfície de aço inoxidável da mesa cirúrgica. Deitada, ali está ela. Não mais a tia devotada, não mais a funcionária eficiente. Apenas a mulher, simplesmente, enfim desnudada, as entranhas finalmente penetradas pelos frios e reluzentes instrumentos perfuro cortantes de uma aula de anatomia.

POUR ELISE

Naquele dia, Deus deixara de lado seus inúmeros afazeres para dedicar-se a ouvir as reclamações de suas criaturas. Compreensivo, entendia que nem todos estivessem satisfeitos com as qualidades com que os havia dotado. Ele tentava ser justo, distribuindo os atributos físicos e espirituais de maneira mais ou menos igual, mas sempre havia quem quisesse outro nariz, mais inteligência, centímetros a menos – ou a mais, conforme a parte do corpo em questão. A certa altura, chegou mais um queixoso.

- É um cabeludo, Senhor, avisou o secretário. E meio carrancudo.

- Mande entrar.

- Senhor, começou o visitante, eu não vim exatamente reclamar. Pelo contrário, o Senhor foi muito generoso comigo.

- Como é seu nome, meu filho?

- Ludwig. Ludwig van Beethoven.

- Que bom que você veio, Ludwig. Eu precisava mesmo falar com você, devo lhe pedir desculpas. Não deveria ter lhe tirado a audição daquele jeito, deixando-o completamente surdo. Como é que eu fui fazer isso logo com você, com tanto roqueiro por aí... Espero que você me perdoe.

- Não se preocupe, Senhor. Eu é que não deveria blasfemar tanto, mas às vezes eu ficava meio nervoso, entende?

- Qual é a sua queixa, então?

- Não é bem uma queixa, é mais um desabafo. Fico muito triste, Senhor, quando vejo o que fizeram com a minha obra.

- Console-se, meu amigo. Esta mágoa eu também tenho.

- Eu sei que ninguém é obrigado a gostar do que eu fiz. Afinal, nunca me preocupei muito com a opinião alheia. Mas o Senhor por acaso já assistiu a uma daquelas audições de alunos, onde tocam minha Sonata ao Luar em acordéon? Ou, por acaso, sabe o que fazem com a minha última Sinfonia, a Nona, lembra?

- Como não lembraria, suspirou Deus, de olhos fechados, balançando a cabeça com expressão de êxtase.

- Imagine, então, uma dessas academias de ginástica, com dezenas de pessoas pulando freneticamente ao som da Ode à Alegria, tocada – adivinhe em quê? – num

sintetizador! Me perdoe, Senhor, mas se eu soubesse que isso iria acontecer, não sei se a teria escrito.

- Nem diga uma barbaridade dessas.

- O pior de tudo foi o que fizeram com minha peça favorita, minha jóia mais pura e delicada....

- Já sei, a *Pour Elise*. O que foi que esses estúpidos fizeram?

- O Senhor ainda não sabe?

- Não faço a menor ideia.

- Desculpe. Esqueci que o Senhor não tem telefone.

- Eu não preciso de telefone para saber o que se passa lá em baixo, lembrou o Todo-Poderoso.

- Sei, sei. Aquela história de onisciente.

- Isso.

- Mas se o Senhor tivesse que usar telefone, saberia do que é que estou falando. Primeiro, vem aquele “um momentinho, por favor”. Em seguida, a minha *Pour Elise*: mi-ré-mi-ré-mi-si-ré-dó-lá, tocada sei lá por que espécie de maquininha infernal. Se ao menos fosse afinada, mas nem isso. Uma verdadeira tortura! Me diga francamente: o Senhor acha que eu mereço uma coisa dessas?

- Só posso achar lamentável, meu filho.

- Nós, os artistas, às vezes somos um tanto ingênuos, e não nos damos conta de que existem tantas pessoas sem escrúpulos. Mas, desculpe, Senhor, não pretendo criticar a sua obra.

- Não se preocupe. Você me dá a oportunidade de exercer a humildade, uma bela virtude. Olhe, já estou cansado por hoje. Venha, vamos dar uma voltinha, caminhar um pouco. Mas vou lhe pedir um favor: enquanto caminhamos, você poderia cantarolar uns trechinhos da sua Pastoral? Vou lhe contar um segredo, meu amigo: meus assessores insistem naquela história de que sou perfeito, mas – não espalhe – meu assobio é meio desafinado...

Teresa Lopes Moreira

Nasceu em 1964, na cidade de Santarém onde reside. Os seus estudos académicos contemplam licenciatura em História, mestrado em História da Expansão e dos Descobrimentos Portugueses e doutoramento em História Contemporânea. Integra o Instituto de História Contemporânea. Exerce funções de professora de História no Agrupamento de Escolas Sá da Bandeira e na Universidade da Terceira Idade de Santarém.

VITÓRIA

Vitória nada tinha de seu para além dos caminhos agrestes que percorria com as cabras que pastoreava. As suas roupas remendadas já tinham tido melhores dias nos corpos esguios das filhas do patrão Zeca. O estômago acusava a pouca fartura e emitia sons como que a pedir mais um pouco de pão. Os seus pensamentos percorriam as palavras que o pai decretara na noite anterior.

— Maria, é como te digo. A cachopa vai para a praia da Nazaré. Sempre é menos uma boca a alimentar e ainda nos traz algumas migalhas. Cuidar do menino da D. Francelina sempre é melhor que tratar das cabras. Ela não cuida dos irmãos?! Está na hora de trabalhar! Ó mulher, a cachopa tem dez anos. Eu com a idade dela já tinha três anos de trabalho e fome no corpo!

Vitória nunca tinha saído do mísero casebre dos seus pais situado no cabeço do Outeiro da Forca. Nunca vira o mar. O patrão Zeca comentava que o mar era uma imensidão de água muito maior que o Tejo que ela admirava do cabeço.

O destino de Vitória estava traçado. Naquela manhã de Agosto ouviu as ordens da sua nova patroa, D. Francelina de Vasconcelos. Esta era uma mulher no poder dos seus trinta anos, com um tom de voz autoritário, austero e seco. O dinheiro não lhe trouxera simpatia. Não parecia uma mulher feliz, apesar de estar bem vestida e adornada com jóias como Vitória nunca vira. Da boca pintada de vermelho saíam ordens e imposições intermináveis.

Vitória sentiu um arrepio e medo, muito medo. O seu pensamento voltou-se para a liberdade do Outeiro da Forca tantas vezes percorrido por ela e pelas cabras e sentiu que esses momentos não voltariam. De repente, percebeu que tinha medo de não regressar para junto dos seus e temeu pela sua vida. No íntimo desejava regressar ao local que a vira nascer. Uma forte bofetada trouxe-a de volta à realidade enquanto ouvia a repreensão:

— Ó rapariga! Sempre que falo deves estar atenta. Está entendido?

— Sim, minha senhora... desculpe — sussurrou Vitória enquanto baixava os olhos.

— Não te esqueças que tens que cuidar do menino Diogo. Se não o fizeres como deve ser, o teu corpo é que paga. Devias estar mais grata por esta oportunidade que te dei. Afinal tens comida, trabalho e estás na praia. Rapariga pobre e mal-agradecida! Vai trabalhar, anda!...

Todas as manhãs, a criadita recolhia o leite e o pão para fazer o pequeno-almoço e cuidava do bebé. Depois, passeava-o pela praia enquanto dava dois dedos de conversa com outras criadas, cuja sorte ou azar também as trouxera até à Nazaré. No entanto, estas não apresentavam o seu ar miserável, carregado de tristeza e nódoas negras.

— Ó cachopa, estás toda negra! — exclamou Purificação — O que te aconteceu?

— Foi a senhora que me bateu — choramingou Vitória — Ela diz que me mata...

— Não mata nada. Essa mulher é mesmo velhaca e enfim... cala-te boca...

— Essa não é a amante do motorista do teu patrão? — perguntou Virgínia à Purificação.

— Então pois... são umas galdérias — profetizou Purificação — Depois carrega a neura na cachopa. Sabes o que te digo, Vitória, amanhã o patrão Zeca vem cá ver a família e tu pede-lhe para ele te levar para a tua casa.

— A senhora Purificação acha que ele me leva para junto dos meus pais? — perguntou Vitória esperançada.

— Acho, vai correr tudo bem. Não te preocupes e limpa-me essas lágrimas!

No dia seguinte, o coração de Vitória parecia saltar-lhe do peito, tal a ansiedade com que esperava o patrão Zeca. Ao avistá-lo e, após lhe pedir a bênção, lançou o pedido:

— Se o padrinho me levasse para casa...

— Então por quê? Não gostas de estar a banhos?

— Não é isso. É que...

— Desembucha, cachopa!

— A senhora bate-me...

Zeca, do alto da sua imponente estatura, olhou para a criança maltrapilha, esquelética e com o rosto coberto por hematomas. A criança era espancada, disso não tinha dúvida.

— Olha Vitória, não te posso levar para Santarém sem a autorização do teu pai. Se ele concordar, no próximo fim-de-semana levo-te. Até lá, tens que ficar, pois está em jogo a boa palavra do teu pai.

Vitória encolheu-se e sentiu um arrepio percorrer-lhe todo o corpo. Não podia esperar mais, logo hoje que o menino Diogo tinha perdido um sapatinho.

Naquela manhã, Custódia Leiteira iniciou a habitual distribuição e estranhou a ausência da pequena Vitória ao postigo para recolher o caneco com leite. Depois de muito bater na porta, Custódia espreitou pela janela e o que viu deixou-a gelada. O corpo de Vitória baloiçava numa corda.

Purificação e Virgínia ouviram os gritos de revolta e desespero. As mulheres percorriam a praia à procura da assassina.

— Morte com ela! Enforcou uma criança inocente!

— Cobarde! Parece que fugiu com o amante...

— Aí a vaca! Se a apanho... — ameaçava um velho homem do mar.

— Louvado seja Deus! Que desgraça... que agoiro.

Purificação e Virgínia, por entre lágrimas, recitaram uma oração que embalasse em direcção ao céu o corpo do “anjinho”.

No cemitério da Pederneira, Francelina e Nuno aguardavam que os ânimos acalmassem.

— Depois de saíres daqui, procuras o pai da rapariga e oferece-lhe dinheiro. A miséria vai fazê-lo aceitar. A dor não se esquece, mas há que pensar nas outras bocas que tem para alimentar. Tu podes pagar o silêncio, mas o acto vai acompanhar-te o resto da vida. Não há perdão para a crueldade que praticaste. Esqueceste-te que foste uma criadita como ela? Sem o dinheiro do teu marido o que seria de ti?

— Não me abandones, Nuno. Tenho medo de te perder...

— O nosso tempo terminou. Eu não passo do teu amante, o capricho de uma mulher rica. Como se pode perder aquilo que nunca se teve?! Tu voltas para o teu marido e continuas a representar o teu papel de esposa e mãe.

— E tu?

— Vou aceitar a proposta do advogado Figueiredo e parto em viagem para a França.

Francelina encostou-se a um jazigo e amaldiçoou as férias daquele Agosto de 1935.

Vítor Barreto

O MOÇO

Às dezassete horas e três minutos em ponto, Santiago passava, todos os dias, à porta do Sr. Jaime do Mercado. Hesitava sempre em entrar na loja para comprar uma bola de Berlim com chocolate. Como gostava deste bolo! Mas não entrava. Continuava em frente e calcorreava as ruas da cidade. Parava, sempre, junto às árvores da avenida que conhecia com a palma das suas mãos.

- Como as árvores são seres espectaculares – pensava. O tronco, as folhas, as flores... Como crescem! Este chão amarelo parece mesmo um tapete dourado. As tipuanas que plantaram são magníficas. E as *jacarandas mimosifolia* são lindíssimas, dão uma cor arroxeadada ao largo... e as *cercis siliquastrum* com a cor rosa. É pena que seja por pouco tempo. A cidade fica mesmo enfeitada.

Ficava, com frequência, parado e distraído em contemplação, mas o caminho dava sempre à porta de sua casa. Na verdade, Santiago era um rapaz de quinze anos, simpático, mas evitava constantemente os colegas de turma. Conhecia-os a todos, embora tivesse alguma aproximação ao Alfredo e à Maria. Não sabia porquê, mas o Alfredo era o seu melhor amigo. Melhor?! O único.

- Explicou-me como se jogava o “*Clash Royale*” e disse que eu era capaz de me transformar num dos melhores jogadores da escola. A Maria, não sei dizer, é muito simpática comigo – pensava, ajuda-me quando tenho de ir às fotocópias. Deve ser mesmo boa pessoa.

- Não há ninguém em casa. Os meus pais só chegam mais tarde. Passo os dias comigo. Não há problema. Sinto-me muito bem!

- Amanhã é sexta e vou comprar uma bola de Berlim. De certeza que vou comprar... mas está lá sempre tanta gente... Já sei como vou fazer. Entro, vou direito ao balcão e peço ao Sr. Jaime. Quero uma bola de Berlim com chocolate. Pago e saio. Vou até ao jardim, junto às Tipuanas, e lancho. Bem pensado... O melhor, agora, é ir jogar.

No dia seguinte, a primeira aula foi de Matemática.

- Não sei se um dia vou entender isto. O professor fala em números reais, mas

não são todos reais?! Todos existem. É uma grande confusão!

- A Maria disse-me para não me preocupar que depois ajudava-me nos trabalhos de casa. É mesmo minha amiga.

- A aula de Ciências passou muito bem. A professora escreveu tudo no quadro. Tudo muito certinho. Entendi muito bem! Vi um programa no Odisseia que mostrou o crescimento das plantas e gostei muito!

A aula de Educação Física foi muito estranha. Não percebi o que o professor queria que se fizesse.

- Passa a bola – disse o professor

- Eu dava-lhe a bola e dizia que não era assim... falavam todos ao mesmo tempo. Faziam muito barulho e eu não entendia nada. Estava uma grande algazarra.

- Esperei que a aula acabasse e saí rapidamente. Estava farto de os aturar.

- Lembrei-me da tarde. A hora de comprar a bola aproximava-se. Maravilha. Mas... começava a ficar preocupado.

Como tinham combinado, depois do almoço, Santiago encontrou-se com a Maria no jardim da República para fazerem os trabalhos de Matemática.

- Vá! Vamos fazer os exercícios de raiz quadrada e cúbica – disse Maria com um ar de professora.

- Raiz... Maria, sabes que a diferença entre as células vegetais das animais está nos plastídeos?!

A Maria não abriu a boca...

- Os cloroplastos são plastídeos. Sabes que os cloroplastos estão relacionados com a fotossíntese?! Têm um pigmento que é a clorofila. É o que dá a cor verde às plantas.

- Sabes que as cores que vão do amarelo ao vermelho resultam da existência de cromoplastos nas células vegetais?!

- E sabes que...

- Pronto, vamos lá, vamos fazer os trabalhos...

- Hã?! Está bem. Está bem...

Às cinco e três minutos da tarde, como era habitual, o Santiago estava à porta da

loja do Sr. Jaime. Ia, finalmente, comprar a bola de Berlim.

Tentou entrar e, estranhamente, a loja estava cheia de clientes. Hesitou. Esperou encostado na ombreira da porta. Não gostava de confusões e de encontrões. Esperou. Deviam ser de uma excursão de visita à cidade. Quando todos saíram, dirigiu-se rapidamente ao balcão sem olhar para os lados.

- Quero uma bola de Berlim com chocolate... por favor, com chocolate.

- Lamento, mas já acabaram! Só amanhã...

Santiago tentou sair, rapidamente, mas estava um novo grupo de excursionistas à porta da loja.

Com um ar aterrorizado ficou estático no meio da loja.

- Espera aí! Espera aí! Afinal tenho aqui uma bola que ia levar para casa. Leva-a – disse o Sr. Jaime. Não pagas nada. Leva. Leva a bola.

UMA MANHÃ DE NEVOEIRO

O nevoeiro da manhã resistia aos raios solares que teimavam em romper a cortina de gotas que se vislumbrava entre as árvores do jardim. Ao lado, os movimentos dos carros na avenida não alteravam, aparentemente, o ambiente quase natural daquele espaço.

Três figuras avistavam-se entre os ramos sem folhas da pérgula. Imóveis e em silêncio, pareciam estar num jogo de vontades. O frio matinal obrigava-os a embrulharem-se aos casacos já desfeitos pelo tempo.

Em cima da mesa de pedra restava um pacote de vinho tinto do mais barato, único fornecedor de energia num dia como aquele, ou como em todos os outros dias dos últimos dois anos.

As três personagens pouco tinham em comum senão os restos das suas vidas.

- Não sei se um dia encontrarei a verdade – disse Jeremias num tom reflexivo.

- Hum?! – resmungou o indivíduo à sua direita, enfiado num gorro que quase lhe escondia a cara.

E o nevoeiro continuava a turvar o olhar de quem passava...

Aos dezasseis anos tinha deixado a casa da mãe que trabalhava a dias em casas do Centro Histórico. Jeremias mal a via. Então decidiu, na véspera de fazer anos, procurar um novo rumo para a sua adolescente vida.

Acabado de nascer, tinha sido encontrado no aterro sanitário da cidade. Foi encontrado pela sua “mãe” embrulhado num pequeno cobertor azul e branco. Cresceu no seio de uma família igual a tantas outras. Cresceu sempre como se tivesse uma etiqueta presa ao seu corpo fracamente desenvolvido.

Aos dez anos começou a perceber que não era mais um elemento daquela família, pois sentia-se como um acrescento. Nada era pensado em função dele. De qualquer modo, tinha frequentado a escola e já andava no décimo primeiro ano. Nunca chumbou. Com muitas dificuldades, mas nunca tinha chumbado. Mesmo assim, sentia-se um estranho. Nada tinha sido fácil. No entanto, estava agradecido a sua mãe por lhe ter dado uma vida. Há seis anos, o pai, ou melhor, o marido de sua mãe, tinha partido para Angola. Nunca

mais tinha dado sinal de vida. Nem de morte. Era estranho. Sentia-se muito estranho. Tinha decidido partir... Hoje recordava essa partida como um passado perdido.

- A torre dá as dez horas... já é tempo...

- Hum?!

Eugénio de Mascarenhas, era herdeiro da figura física de seu pai. Alto, de grande envergadura de ombros e de peito, possante, seguia uma linha genealógica que já vinha dos seus avós do norte da Beira. Nunca tinha passado privações desde o seu nascimento em terras do litoral.

Fez várias tentativas para ingressar na Faculdade de Belas Artes. Nunca tinha conseguido. Para isso, precisava de tirar o curso secundário, o que nunca fez. Não por incapacidade, mas por uma manifesta falta de organização e vontade. Não conseguia cumprir horários. Sentia-se preso às inúmeras solicitações da vida.

O desenho, e mais tarde a pintura, sempre foram os seus interesses. Nunca tinha exposto os seus trabalhos. Para ser verdadeiro, tinha incluído um desenho a tinta-da-china numa exposição colectiva com outros vinte artistas da terra.

- Hum?! Está frio hoje ou é impressão minha?!

- Não me parece... Está igual aos outros dias – respondeu Matias, com enfado e com o olhar no passado.

Matias de Sousa Gonçalves tinha nascido na década de quarenta no Alentejo. Monforte foi o berço desta figura, filho de uma família de rendeiros nas grandes propriedades alentejanas.

Sempre viveu na ilusão de um dia se tornar um toureiro nas praças de Portugal e Espanha e quem sabe do México. Um dia seria matador aclamado pelos aficionados calorosos. Ouvia, com frequência, os olés dos apaixonados das praças, mas acordava sempre no meio da aclamação.

Um dia seria verdade...

Eugénio foi viver para Lisboa. Arranjou um quarto num dos bairros clandestinos à entrada da auto-estrada do Norte.

Aos dezoito anos mantinha uma relação amorosa com uma vizinha dezasseis anos

mais velha. Tratava-o por Geny, mas raramente se encontravam. Durou pouco tempo, não se entendia com os horários trocados do dia para a noite. Foi trabalhar para Leiria numa mercearia da rua da Vitória. Parecia estar tudo a correr bem. Foi nessa altura que viu o pequeno cartaz a anunciar um curso de pintura.

Gaby Reis era a professora de pintura e desenho, artista da Póvoa de Lanhoso que tinha frequentado as Belas Artes em Coimbra. Foi uma semana a Paris numa viagem de finalistas e tinha ficado encantada. Depois de deambular pelo país, concorrendo a horários incompletos, foi parar, finalmente, em Leiria, num lugar de professora do quadro de zona de Educação Visual e Tecnológica. Resolveu abrir um pequeno atelier de pintura para... não sabia bem porquê. Mas abriu...

Matias adorava ver o trabalho do toureiro aquando dos primeiros *capotazos* na entrada ou no momento em que colocava, na arena, o touro junto da trincheira para os forcados fazerem a pega.

E o traje de *lucos* quando brilhava ao Sol?! Que maravilha...

Frequentava a Tertúlia “Os Marialvas” onde ouvia histórias dos toureiros espanhóis e perdia-se todas as noites no emaranhado das verónicas e *chicuelinas*, das *gaoneras* e *meias-verónicas*... e sem dúvida, também, nas rodadas do Redondo.

Tinha saudades daqueles tempos. Inscreveu-se num atelier de pintura. Todos os sábados lá estava à porta do pequeno espaço que servia de oficina de artes. De tela debaixo do braço e a maleta das tintas e pincéis na mão, trazia sempre a esperança de se tornar um verdadeiro artista. Já lá vão trinta anos e depois de umas telas, mais ou menos enfeitadas com umas cores, parecia estar tudo na mesma.

- Já viram estas cores esbatidas pelo nevoeiro?!

- Sabia que não tinham reparado em nada. Nem olham... Estafermos... Passa-me o tinto. Ignorantes!...

- Hum!... Quem?!...

- Já descobriste a verdade? Casmurro....

- Platão é que tinha razão. – resmungou Jeremias – Não pensam...

- Tenho a certeza de que isto vai mudar um dia...

- Oiçam! Seus... Nunca temos certezas. É preciso procurar sempre a verdade. Só o que não muda é que interessa. Só o que existe por si mesmo para além do Homem é verdadeiro. É imutável. Não depende do espírito – disparou Jeremias, aparentemente sem os outros dois darem por isso.

- Ouviram bem! Nada vale a pena estarem para aí a resmungar! Querem discutir comigo?! Um quadrado é um quadrado...

- Hum! Esquece... Não penso assim... Eh! Eh! Passa-me o tinto – disse o Eugénio.

- Hum! Tens razão... bebe mais um copo, Jeremias.

O nevoeiro começou a dissipar-se e alguns raios solares chegam ao solo e aquecem, ligeiramente, os corpos das três figuras sentadas em volta do pacote de vinho (do mais barato) que se encontrava no centro da mesa de pedra.

O movimento dos automóveis na avenida era indiferente à existência das três figuras excepto um olhar que tentava encontrar um traço comum nas suas vidas.

